

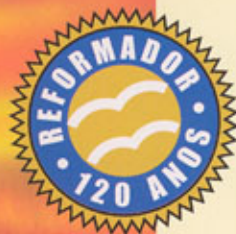
Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE

ANO 121 - Nº 2.088 - MARÇO 2003 - R\$ 4,00

Mediunidade

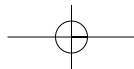
Abençoado intercâmbio entre os dois planos da Vida



Os bons médiuns
O começo da história sem fim
Compromisso mediúnico

LANÇAMENTOS | ARTIGOS | EVENTOS | MENSAGENS

ISSN 1413-1749
9 771413 174008



Reformador

Revista de Espiritismo Cristão

Ano 121 / Março, 2003 / Nº 2.088



Fundada em

21 de janeiro de 1883

Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da

Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação

Av. L-2 Norte - Q. 603 - Conj. F (SGAN)

70830-030 - Brasília (DF)

Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home Page: <http://www.febnet.org.br>

E-mail: feb@febrasil.org.br

welmaster@febnet.org.br

Para o Brasil

Assinatura anual

R\$ 30,00

Número avulso

R\$ 4,00

Para o Exterior

Assinatura anual

US\$ 35,00

Simples

US\$ 45,00

Aérea

Diretor - Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor - Altivo Ferreira; Redatores - Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretário - Iaponan Albuquerque da Silva; Gerente - Anaurly Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 -

I.E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico

Rua Souza Valente, 17

20941-040 - Rio de Janeiro (RJ) - Brasil

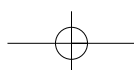
Tel: (21) 2589-6020; Fax: (21) 2589-6838

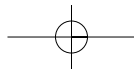
Capa: Rogério Nascimento

Tema da Capa: **O tema deste mês é Mediunidade - abençoada por Jesus, esclarecida por Kardec e exemplificada por Chico Xavier.**

EDITORIAL	4
Intercâmbio abençoado	
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	13
Jesus e mediunidade - <i>André Luiz</i>	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
Não tiranizes - <i>Emmanuel</i>	
REFORMADOR DE ONTEM	26
O começo da história sem fim - <i>Lino Teles</i>	
A FEB E O ESPERANTO	29
O problema lingüístico na atualidade - <i>Afonso Soares</i>	
PÁGINAS DA REVUE SPIRITE	32
Aparições - <i>Allan Kardec</i>	
SEARA ESPÍRITA	42

O Estado e as religiões - <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
Os fins essenciais - <i>Marcelo Paes Barreto</i>	7
Os bons médiuns - <i>Manoel Philomeno de Miranda</i>	8
Da influência moral do médium - <i>Allan Kardec</i>	9
Tipos de solo - <i>Richard Simonetti</i>	10
A Doutrina Espírita tem dono? - <i>Umberto Ferreira</i>	12
Congresso Espírita em Goiânia	15
Compromisso mediúnico - <i>André Luiz Rabello</i>	16
Existência dos seres - <i>Washington Borges de Souza</i>	19
Os três toques - <i>Mário Frigéri</i>	20
Há Espíritos? - <i>Marcos Túlio Larcas</i>	22
Hydesville - <i>Leôncio Correia</i>	25
A Mensagem de Deus - <i>Passos Lírio</i>	31
Os Espíritos intervêm em nossas vidas! - <i>Jorge Leite de Oliveira</i>	34
Isolamento - <i>Corydes Monsoreos</i>	36
O Espiritismo hoje - <i>Robinson Soares Pereira</i>	37
A era Psi - <i>Adésio Alves Machado</i>	38
Nossos Colaboradores	39
Por que dizer não ao carnaval? - <i>Bittencourt Rezende di Nápoli</i>	40
II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE	41





Editorial

Intercâmbio abençoado

A História registra as manifestações mediúnicas em todas as épocas da Humanidade. Os Espíritos jamais deixaram de se comunicar com os homens, estando a mediunidade presente na vida comum dos indivíduos, assim como no seio das religiões, desde o totemismo. “Todavia – afirma Emmanuel¹ –, onde a mediunidade atinge culminâncias é justamente no Cristianismo nascituro. Toda a passagem do Mestre inesquecível, entre os homens, é um cântico de luz e amor, externando-lhe a condição de Medianeiro da Sabedoria Divina.”

Com os Apóstolos, explode no dia de Pentecostes, quando Pedro, mediunizado, se reporta à profecia de Joel: “E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos.”²

Na noite de 31 de março de 1848, em Hydesville, Estado de Nova York (EUA), na casa da família Fox, as meninas Kate e Margaret estabelecem diálogo publicamente reconhecido com o Espírito Charles B. Rosma, iniciando a fase contemporânea das manifestações mediúnicas, que da América passam para a Europa, com as mesas girantes e falantes.

Em Paris, o Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail examina o fenômeno, aprofunda as investigações, e, sob a supervisão do Espírito de Verdade, questiona os Espíritos Superiores, coordena metodicamente os seus ensinamentos, e lança, em 18 de abril de 1857, com o pseudônimo Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*, obra fundamental da Doutrina Espírita, que inaugura uma Nova Era para a Humanidade.

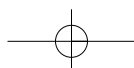
Antes cerceada e estigmatizada, a mediunidade desponta gloriosa, em meado do século XIX, concretizando a vinda do Consolador prometido por Jesus, personificado na presença do Espírito de Verdade, que ficará para sempre conosco.³

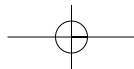
Sob a égide do Evangelho de Jesus, e praticada à luz dos ensinamentos espíritas, a mediunidade vence tanto o obscurantismo religioso quanto o cepticismo científico-filosófico, e estabelece, em definitivo e de forma ostensiva, abençoado intercâmbio entre os dois planos da Vida.

¹ XAVIER, Francisco C. e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da Mediunidade*, prefácio *Mediunidade*. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, p. 14.

² Atos, 2:16-17.

³ João, 14:15-17.





O Estado e as religiões

Juvanir Borges de Souza

Desde a Antiguidade, passando pelas idades Medieval, Moderna e Contemporânea, encontramos sempre os governos (Estado) ligados estreitamente às diversas denominações religiosas.

É notória a união entre os governos da maioria dos países da Ásia Central e da Ásia Menor com o Islamismo.

No Ocidente, não foi menor a vinculação entre a Igreja Romana e os Estados europeus e americanos, até os fins do século XIX.

O denominado “direito divino”, invocado e defendido por reis, imperadores e aristocracias a eles ligadas, foi sustentáculo, por muitos séculos, das teocracias diversas.

As denominadas democracias, regimes políticos baseados na soberania popular, fortaleceram-se com a conquista da liberdade, que se vem firmando no mundo, por toda parte, apesar de alguns retrocessos compreensíveis, diante das próprias imperfeições humanas.

No Brasil, desde a queda do Império e a proclamação da República, em 1889, ocorreu a separação entre o Estado e a Igreja Católica.

Apesar das tentativas para o retorno do vínculo *Estado-Igreja*, todas as Constituições que se seguiram à de 1891 mantiveram a se-

paração e, conseqüentemente, liberdade de culto, de consciência, de reunião.

Foi, sem dúvida, a consagração, na prática, da liberdade para todos, maiorias e minorias religiosas, que se deve à argumentação firme e convincente de Rui Barbosa e Benjamin Constant, dois grandes trabalhadores contra a opressão.

O Movimento Espírita, refletindo os princípios da Doutrina dos Espíritos, posiciona-se sempre em defesa da liberdade, sem prejuízo da responsabilidade individual e coletiva.

Reconhece, por isso, o papel importante das religiões, especialmente na formação e aperfeiçoamento moral dos indivíduos.

Mas as religiões, que sempre invocam a inspiração divina para fundamentação de seus preceitos, não devem assumir o controle dos governos, seja pelos enganos interpretativos de seus seguidores, seja pelo fanatismo individual que se manifesta em muitos de seus representantes, seja pela presunção de superioridade.

Provas dessa presunção tivemos recentemente, quando, após a Conferência pela Paz Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais, realizada pela ONU, em Nova York, de 28 a 31 de agosto de 2000, o Papa declarou que todas as outras religiões são inferiores ao Catolicismo.

Declaração semelhante fez o Aiatolá Khomeini a respeito do Islã.

Que dizer dos erros e fanatismo geradores da Inquisição, que perseguiu e condenou à fogueira milhares de “hereges”, pelo crime de não seguirem a religião dominante?

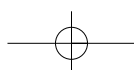
E dos Cruzados, empenhados na matança de inocentes porque “Deus assim o deseja” (“*Deus vult*”)?

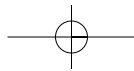
Lembremos que outra religião impunha a morte da viúva na mesma pira funerária do marido e ainda outra denominação religiosa determinava que os avós deveriam morrer nas geleiras, voltando à natureza.

Acima estão alguns exemplos de excessos, de presunção, de ignorância e de insensibilidade, preconizados por religiosos em nome de suas religiões, a demonstrarem que, apesar de princípios morais elevados que fazem parte das doutrinas e crenças, quando no poder seus representantes muitas vezes se excedem, dando oportunidade à manifestação de suas paixões e inferioridades.

Daí o inconveniente das teocracias de variadas origens, pela facilidade das degenerações, em função das imperfeições de todos os habitantes do nosso mundo.

Milênios se passaram até que considerável parcela da população terrestre, esclarecida por filósofos, pensadores e pela própria prática política, chegasse à conclusão de que o Estado laico e democrático é





a melhor forma de organização estatal, no qual o representante do poder tem a obrigação de respeitar a todos, independentemente de suas convicções religiosas.

...

O Espiritismo e o Movimento que o pratica e representa no Brasil bem cedo conheceram os rigores e inconvenientes do Estado unido à religião oficial e majoritária – o Catolicismo.

Apesar dos predicados de homem justo e esclarecido, o Imperador D. Pedro II nem sempre pôde evitar as perseguições e incompreensões de que foram vítimas os espíritas, no final do Império brasileiro.

Essa foi uma das razões que fundamentaram o empenho de alguns representantes do povo, na Constituinte de 1891, a lutarem pela separação da Igreja Católica do Estado brasileiro.

Hoje, já bem distante daquele ato político-social de grande importância, sentimos todos – maiorias e minorias religiosas – os efeitos benéficos da separação, dos quais ressalta uma melhor compreensão e acentuada tolerância entre os religiosos das diversas denominações.

Se todas as grandes religiões têm inscrito o princípio *do amor a Deus e ao próximo* em seus núcleos de sustentação moral, urge que cada seguidor dê preeminência a esse mandamento comum, superior, em torno do qual todos podem entender-se.

Muitas vezes, por ignorância e fanatismo, um governante, representando uma determinada religião no poder, julga necessário favorecer

sua facção em detrimento das demais.

É, evidentemente, um erro de graves conseqüências quando transformado em prática governamental.

Os governantes que se posicionam sempre em favor da religião que representam, em detrimento das demais, agem defendendo o princípio de que “os fins justificam os meios”, perigoso e injusto em suas conseqüências.

Em substituição a tal princípio eis a regra correta: “à pureza dos fins deve corresponder aos meios justos empregados para alcançá-los”, uma vez que, prejudicar minorias, perseguir, desconhecer direitos alheios não são *meios justos* de satisfação de interesses pessoais ou de facções, travestidos de bons objetivos.

Na Era atual, a Era Espírita, torna-se necessário evitar determinadas práticas e concepções errôneas, utilizadas por milênios, em detrimento dos interesses e do progresso dos próprios homens.

Uma dessas práticas, aceita ainda na atualidade, é a da confusão do poder governamental de uma nação com determinada religião.

Além do cerceamento da liberdade, a utilização dessa forma de governança é causa de conflitos e guerras, além da grande injustiça cometida contra muitas mentes que não se ajustam ao regime.

As religiões que se impõem através dos governos fogem às suas finalidades precípuas, transformam-se em verdadeiras blasfêmias contra os princípios morais e éticos e contra a razão, pela presunção de seus representantes em muitos dos atos que praticam.

A Verdade, as realidades da vida devem ser sempre aceitas pelo homem, com liberdade de pensamento e nunca sob coação. Sua aceitação deve ser obra do tempo e da evolução do entendimento humano.

Assim, pela lei do progresso, onde quer estejamos, seja qual for a posição social, raça e grau de civilização, todos seremos chamados, no decorrer dos tempos e através das sucessivas reencarnações, a aceitar as verdades eternas, pelo livre entendimento da razão.

A Doutrina Espírita, por seu caráter e por sua índole, não obriga a ninguém obedecer compulsoriamente seus princípios e postulados.

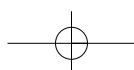
As leis divinas, as lições que o Cristo deixou em sua Mensagem e o Consolador são claros nesse sentido.

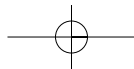
Em função dessa norma superior, divina, o Espiritismo, assim como não impõe seus princípios, também não aceita a imposição de outras correntes de pensamento, filosóficas e religiosas.

Há que se obedecer à liberdade de convencimento para todos, já que o Criador dotou os homens do livre-arbítrio.

Em lugar da imposição, o correto é a persuasão, através do esclarecimento, do estudo, do confronto de princípios, da demonstração, da experiência. Em uma palavra, a evolução, o progresso individual são obras de educação, tanto no campo intelectual quanto no moral-espiritual.

As religiões exercem influência sobre as massas de seguidores. Se não há segurança sobre os preceitos superiores de ordem moral, advindos, em geral, através das revela-





ções, porque os homens neles interferem através de interpretações pessoais, interesses imediatos, presunção e orgulho, as conseqüências não são boas, gerando fanatismos, pseudoverdades, imposições, como é comum nas instituições em que o Estado se apóia na religião e vice-versa.

Trabalho, solidariedade, tolerância, a célebre divisa do Codificador, continua sendo segura orientação para todos os espíritos.

O Movimento Espírita precisa preocupar-se com a educação das massas, em sentido lato, com a divulgação da Doutrina, por todos os meios lícitos, mas não com a conquista do poder transitório, para impor-se, como ocorre com outros movimentos filosóficos e religiosos.

Não devemos esquecer que as obras fundamentais das grandes religiões – Hinduísmo, Budismo, Cristianismo, Islamismo – não são obras definitivas, absolutas.

Suas origens remontam a um passado em que a Humanidade vivia em estágios evolutivos muito distantes do atual.

Não foi por outra razão que o Cristo de Deus prometeu *um outro Consolador*, que viria para aclarar muitos de seus ensinamentos e trazer novos conhecimentos.

E o Consolador, o Espiritismo, por sua vez, na lição dos Espíritos Superiores e de Kardec, adverte que a Doutrina dos Espíritos incorporará novos conhecimentos, novas verdades, desde que comprovados.

O Cristo, por outro lado, retirou muitos entendimentos do Velho Testamento, interpretados literalmente, formulando a síntese maravilhosa baseada no amor a Deus e ao próximo, extensiva aos homens de todas as latitudes e de todas as religiões.

O complexo do comportamento humano, das crenças, das instituições, dos valores espirituais-

-morais e materiais não se transforma tão-somente com imposições, com revoluções políticas ou econômicas, mas sim pelo conhecimento das verdades eternas que se internalizam nas consciências individuais e coletivas, provocando o progresso, a evolução.

Em suma, toda imposição, em matéria religiosa, revela fanatismo.

Se a imposição vem do Estado, as conseqüências negativas são muito maiores.

Como conclui W. Stainton Moses, em sua obra *Ensinos Espiritualistas*, pág. 154 da 4. ed. FEB:

“Qualquer religião, de qualquer raça, em qualquer ponto do globo, que tenha a pretensão de possuir o monopólio da Verdade Divina, é uma ficção humana nascida da vaidade e do orgulho do homem.”

“Nenhum sistema de teologia tem o monopólio da verdade (...).” ■

Os fins essenciais

Marcelo Paes Barreto

“A encarnação, aliás, precisa ter um fim útil.” (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. IV – item 26.)

Fala-se muito em mundos superiores, melhores e mais adiantados espiritualmente que o nosso planeta, e muito se espera da bondade do Pai Celestial para que possamos alcançar essas esferas mais evoluídas.

Mas será que estamos traba-

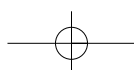
lhando, verdadeiramente, para obter um bom lugar na seara do Divino Criador? Será que estamos fazendo da nossa passagem por esta escola um efetivo meio de alcançarmos o concreto progresso da alma? Parece-nos que não! Basta, para isso, analisarmos o termômetro do mundo. Tem estado em temperatura elevada, com muitos e muitos conflitos, desde os menores até os maiores grupos.

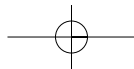
Nesse contexto é que denotamos a *importância do conhecimento do mecanismo reencarnató-*

rio, que faz a nossa inteligência vislumbrar um *roteiro de etapas*, com amplas possibilidades de progresso, no caso de um *planejamento de percurso* bem elaborado.

Conscientes dessa realidade, é-nos possível a elaboração de um projeto, aproveitando, é claro, a vontade, o esforço e a coragem, combustíveis necessários para a transposição das etapas evolutivas à nossa frente.

Assim é que os Espíritos Superiores alertaram, de forma essencialmente pedagógica, para a *encarnação útil* como condição primordial para o sucesso na estrada terrena. ■





Os bons médiums

Inerente a todos os seres humanos, a faculdade mediúmica expressa-se de maneira variada, conforme a estrutura evolutiva, os recursos morais, as conquistas espirituais de cada indivíduo.

Incipiente em uns e ostensiva noutros, pode ser considerada como a peculiaridade psíquica que permite a comunicação dos homens com os Espíritos, mediante cujo contributo inúmeras interrogações e enigmas encontram respostas e elucidacões claras para o entendimento dos reais mecanismos da existência física na Terra.

Distúrbios psíquicos inexplicáveis, desequilíbrios orgânicos injustificáveis, transtornos comportamentais e dificuldades nos relacionamentos sociais e afetivos, malquerenças e aflições íntimas destituídas de significado, exaltação e desdobramentos da personalidade, algumas alucinações visuais e auditivas, na mediunidade encontram seu campo de expansão, refletindo os dramas espirituais do ser, que procedem das experiências anteriores à atual existência física, alguns transformados em fenômenos obsessivos profundamente perturbadores.

Malcompreendida por largo tempo através da História, foi envolta em mitos e cercada de superstições, que nada têm a ver com a sua realidade.

Sendo uma percepção da alma

encarnada cujo conteúdo as células orgânicas decodificam, não significa manifestação de angelitude ou de santificação, como também não representa punição imposta por Deus, a fim de alcançar os calcetas e endividados perante as Soberanas Leis.

Existente igualmente no ser espiritual, é uma faculdade do Espírito que, através dos delicados equipamentos sutis do seu perispírito, faculta o intercâmbio entre os desencarnados de diferentes esferas da Erraticidade.

Dessa maneira, não se trata de um calvário de padecimentos interminos em cujo curso a tristeza e o sofrimento dão-se as mãos, como pretendem alguns portadores de comportamento masoquista, mas também não é característica de superioridade moral, que distingue o seu possuidor em relação às demais pessoas.

Pode ser considerada como a moderna *escada de Jacó*, que permite a ascensão espiritual daquele que se lhe dedica com abnegação e devotamento.

Semelhante às demais faculdades do ser humano, exige cuidados especiais, quais aqueles que se dispõem à inteligência, à memória, às aptidões artísticas e culturais...

O conhecimento do seu mecanismo torna-se indispensável para que seja exercida com seriedade, ao lado de cuidados outros que se lhe fazem essenciais, quais sejam, a identificação da *lei dos fluidos*, a aplicação dos dispositivos morais

para o aperfeiçoamento incessante, a disciplina dos equipamentos nervosos, as disposições superiores para o bem, o nobre e o edificante.

Neutra, sob o ponto de vista ético-moral, qual ocorre com as demais faculdades, é direcionada pelo seu portador, que se encarrega de orientá-la conforme as próprias aspirações, perseguindo os objetivos elevados, que são a meta essencial da reencarnação.

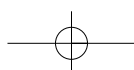
À medida que o médium introjeta reflexões em torno do seu conteúdo valioso, mais se lhe dilatam as possibilidades que, disciplinadas, facultam ensejo para a produção de resultados compatíveis com o direcionamento que se lhe aplique.

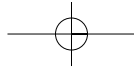
A observação cuidadosa dos sintomas através dos quais se expressa favorece a perfeita identificação daqueles que se comunicam e podem contribuir em favor do progresso moral do medianeiro.

O hábito do silêncio interior e da quietação emocional faculta-lhe a captação das ondas que permitem o intercâmbio equilibrado, ampliando-lhe a área de serviços espirituais.

Concessão divina para a Humanidade, é a ponte que traz de volta aqueles que abandonaram o corpo físico ou que dele foram expulsos, sem que deixassem a vida, comprovando-lhes a imortalidade em triunfo.

Ante a impossibilidade de ser alcançada a perfeição mediúmica, em face da condição predominante de mundo de provações que caracteriza o planeta terrestre e tipifica os





seus habitantes por enquanto, cada servidor deve lutar para adquirir a qualidade de bom médium, isto é, *aquele que comunica com facilidade*, que se faz instrumento dócil aos Espíritos que o utilizam sob a orientação do seu Mentor.

Nunca se acreditando imaculado, sabe que pode ser vítima da mistificação dos zombeteiros e maus, não a temendo, mas trabalhando por sutilizar as suas percepções psíquicas e emocionais, e elevando-se moralmente para atingir patamares mais enobrecidos nas faixas da evolução.

A facilidade com que os desencarnados o utilizam, especialmente por estar disponível sempre que necessário, propicia-lhe maior sensibilidade e o credencia ao apoio dos Guias da Humanidade, que o cercam de carinho e o inspiram para a ascensão contínua.

Consciente dos próprios limites e das infinitas possibilidades da Vida, reconhece o quanto necessita de transformar-se interiormente para melhor, a fim de ser enganado menos vezes e jamais enganar aos outros, pelo menos conscientemente.

A disciplina e o equilíbrio moral, os pensamentos e as ações honoráveis, o salutar hábito da oração e da meditação precatam-no das investidas dos maus e perversos que pululam em toda parte, preservando-lhe os sutis equipamentos mediúnicos dos choques de baixo teor vibratório que lhes são inerentes, ajudando-o, assim, a manter contato com esses infelizes, quando necessário, porém, sob o controle dos Guias que os conduzem, jamais ao paladar e apetite da loucura que os avassala.

O bom médium é simples e sem as complexidades do agrado da ignorância, do egoísmo e da pre-

sunção, cujas conquistas são internas e que irradia os valores morais de dentro para fora, qual antena que possui os requisitos próprios para a captação das ondas que serão transformadas em imagens sonoras, visuais ou portadoras de força motriz para muitas finalidades.

Quando esteja açodado pelas conjunturas difíceis ou afligido pelas provações iluminativas, que fazem parte do seu processo de evolução, nunca deve desanimar, nem esperar fruir de privilégios, que os não possui, seguindo fiel e tranqüilo no desempenho da tarefa que lhe diz respeito, preservando a alegria de viver, servir e amar.

O trabalho edificante será sempre o seu apoio de segurança, que o fortalecerá em todos os momentos da existência física, nunca se refugiando na inoperância, que é geradora de mil males que sempre perturbam.

Porque identifica as próprias

deficiências, não se jacta da faculdade que possui, reconhecendo que ela pode ser bloqueada ou retirada, empenhando-se para torná-la uma ferramenta de luz a serviço do Amor em todos os instantes.

Os bons médiuns, que escasseiam, em razão da momentânea inferioridade humana, são os instrumentos hábeis para contribuir em favor do Mundo Novo de amanhã, quando a mediunidade, melhor compreendida e mais bem exercida, se tornará uma conquista valiosa do espírito humano credenciado para a felicidade que já estará desfrutando.

Manoel Philomeno de Miranda

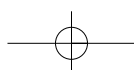
(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na sessão mediúnica da noite de 8 de agosto de 2001, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia. ■

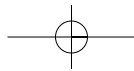
Da influência moral do médium

Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm grupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.

Allan Kardec

Fonte: *O Livro dos Médiuns*. 70. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. XX, item 227, p. 287-288.





Tipos de solo

Richard Simonetti

Mateus, 13:1-9

Marcos, 4:1-9

Lucas, 8:4-8

o semeador saiu a semear. Uma parte das sementes caiu à beira do caminho, e vieram as aves do céu e as comeram, e outras foram pisadas pelos homens.

Outras caíram em lugares pedregosos, onde não havia muita terra nem umidade. Logo as sementes germinaram porque a terra não era profunda, mas ao surgir o sol, queimaram-se e, porque não tinham raiz, secaram.

Outras caíram entre os espinhos; e os espinhos cresceram e as sufocaram, e não deram fruto algum.

Outras, finalmente, caíram em terra boa, fértil e, brotando, cresceram e produziram frutos. Algumas produziram trinta, outras sessenta e outras cem por um.

Temos aqui a famosa *Parábola do Semeador*, a primeira contada por Jesus, dentre dezenas. É uma das mais populares, com um detalhe: o Mestre a explicou aos discípulos.

A semente é a “Palavra de Deus”, representada por seus ensinamentos.

O que Deus espera de nós?

Segundo Jesus, que nos amamos uns aos outros; que façamos ao próximo todo o bem que desejarmos; que estejamos dispostos ao sa-

crifício dos interesses pessoais em favor do bem comum.

O solo onde caem as sementes divinas é o coração humano.

...

Há a turma da “beira”.

É o pessoal do lado de fora, alheio à palavra.

Seus representantes comparecem ao Centro Espírita motivados por variados problemas, de ordem física e emocional.

Procuram o hospital.

Sua intenção é meramente receber benefícios. Escasso interesse quanto às palestras e orientações.

A atenção fica difícil, vêm os bocejos; as pálpebras pesam; cerram-se os olhos e o sono triunfa.

Há quem fale em influência espiritual. Espíritos que não querem seu aprendizado. Boa explicação, mas é difícil imaginá-los ao nosso lado, exercitando suas artes. E onde fica a proteção dos benfeitores espirituais, vedando seu acesso ao recinto da reunião?

Estariam a vibrar do lado de fora?

Complicado imaginá-los concentrados, alhures, a sintonizar com suas vítimas, sugerindo-lhes dormir sentadas.

E as barreiras vibratórias de proteção, não funcionam?

Ouvi um dorminhoco justificar:

– Fecho os olhos para concentrar-me melhor.

Se é assim, por que a cabeça vai se inclinando lentamente, e só não cai porque está fixada no pescoço?

As igrejas tradicionais resolvem esse problema com o senta-levanta do culto, em momentos específicos, envolvendo rezas. Impossível dormir.

No culto evangélico há os hinos. Quando o pastor percebe que os fiéis estão se entregando aos braços de Morfeu, logo os convida à cantoria. Soltar a voz é uma boa maneira de afugentar o sono.

Não obstante, por mais sofisticados sejam os recursos para mantê-los atentos, o aproveitamento dos nossos irmãos da “beira” será sempre precário, principalmente em relação à Doutrina Espírita, apelo à razão, que exige atenção e disposição para assimilar seus conceitos renovadores.

...

Há a turma das “pedras”.

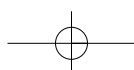
Ouvem a palavra e a recebem com alegria.

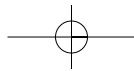
Assimilam algo, mas não estão dispostos a enfrentar os dissabores da adesão.

O sol abrasador dos preconceitos e das discriminações torra facilmente as frágeis raízes de sua fé.

Acontecia com o Espiritismo no passado.

Falava-se que os espíritas eram adoradores do demo. As pessoas recusavam-se a passar em frente ao





Centro. Na própria família havia problemas. Raros resistiam.

Ainda hoje, temos simpatizantes que não se integram para não criar problemas com o cônjuge, renunciando a um dos dons mais preciosos da existência – a liberdade de consciência, o direito de exercer nossos ideais e convicções.

Conheço senhoras que não frequentam o Centro, embora amem a Doutrina Espírita, para não contrariar o marido.

E o que dá ao marido o direito de decidir quanto à crença da cara-metade? Como pode funcionar bem um casamento em que um dos cônjuges interfere nas convicções religiosas do outro?

Frágeis as sementes de nossa fé, quando permitimos que isso aconteça.

...

Há a turma dos “espinhos”.

Aceitam a palavra, mas as seduções do mundo a sufocam.

Com a ampla visão das realidades espirituais que a Doutrina Espírita nos oferece, ficam encantados, mas...

Conversei, certa feita, com um simpatizante:

– O Espiritismo é bênção de Deus. Amo seus princípios, a ação espírita no campo social, o exercício da caridade. Gostaria de participar, mas não me sinto preparado. Sou fumante inveterado e abuso dos aperitivos. Como comerciante, nem sempre me comporto com lisura e reconheço ter gênio difícil.

O Espiritismo deitou boas raízes nele, mas as fraquezas, espinhos danosos que não quer eliminar, falam mais alto.

Outro dizia:

– Reconheço-me despreparado para a Doutrina, mas não me preocupo. Temos a eternidade pela frente.

Realmente, temos todo o tempo do mundo para atingir a perfeição, mas as pessoas esquecem uma recomendação de Jesus (João, 12:35):

Andai enquanto tendes luz.

Imperioso aproveitar as oportunidades de edificação da jornada humana. É para isso que estamos aqui.

Amanhã, poderá nos faltar a luz, a lucidez, a saúde, o vigor físico, a possibilidade de mudar e penoso será o futuro se não o fizermos.

...

E há a turma do “solo fértil”.

É o pessoal que ao primeiro contato com a palavra sente um frêmito de emoção, algo que toca o mais íntimo do ser, como se sua vida estivesse, até então, em compasso de espera. É um maravilhoso despertar, que ilumina os caminhos.

Estes logo “arregaçam as mangas” e tornam-se multiplicadores de sementes, produzindo *trinta, sessenta ou cem por um*, segundo suas possibilidades, mas sempre estendendo o Bem ao redor de seus passos para que o Reino se estenda pelo mundo.

...

Há um aspecto a ser destacado.

Por que, se somos todos filhos de Deus, há vários tipos de solo?

Por que muitos não se sensibilizam?

Por que há os que se sensibili-

zam, mas permanecem distantes, preocupados com opiniões alheias?

Por que há os que se aproximam, mas não estão dispostos a se envolver?

Por que, enfim, há os que se envolvem?

Por que, dentre eles, há os que produzem pouco e os que produzem muito?

Que fatores determinam reações tão díspares?

Se a palavra é para todos, por que não somos todos dadivosos?

A teologia medieval situava a turma do “solo fértil” como indivíduos escolhidos por Deus para a santidade, mas isso só complica a questão, configurando uma injustiça inconcebível.

Por que Deus escolheu o meu irmão ou o meu vizinho ou o meu adversário?

Por que não eu?

Só a reencarnação pode explicar essa diversidade de solos.

A natureza de nosso envolvimento com os valores do Evangelho e o que produzimos condicionam-se à maturidade.

A vocação de servir, a disposição de uma participação efetiva são frutos de experiências pretéritas.

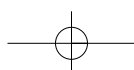
Geralmente, o servidor do Evangelho já nasce feito, não por mera graça divina, mas como o resultado de suas experiências anteriores.

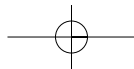
Veio da “beira” para o “solo dadivoso”, com trânsito pelos “espinhos” e as “pedras”.

...

Será que podemos, já na presente existência, entrar para a turma especial do “solo dadivoso”?

Sem dúvida! ➤





> O lavrador pode limpar o campo, tirar as pedras e os espinhos, revolver a terra, aplicar adubo...

Podemos e devemos fazer isso.

Para isso estamos aqui.

Depende de nossa iniciativa.

É preciso tão-somente usar a enxada da vontade, revolver a terra

da indiferença e aplicar o adubo do trabalho, preparando o solo do coração para as sementes do Evangelho.

Então, gloriosa será a nossa passagem pela Terra, com frutos dardivosos em favor do próximo e abençoada edificação para nós. ■



A Doutrina Espírita tem dono?

Ubirto Ferreira

piritismo, à Causa, portanto. Não às pessoas.

Cabe a nós, espíritas, o dever de respeitar e preservar a Doutrina Espírita na sua pureza, como nos foi legada por Kardec, sobretudo porque os seus ensinamentos fundamentais são de ordem moral. Eles estão sempre atualizados; são válidos para todos os tempos.

Poderão argumentar alguns adeptos que Kardec deixou uma abertura para atualização dos ensinamentos espíritas, mas apenas para os conhecimentos que são objeto de estudo científico. Afirmou ele que se fosse provado pela Ciência que o Espiritismo estivesse errado em algum ponto, ele poderia atualizar-se nesse aspecto. Isso só poderia ser feito depois que o conhecimento estivesse bem consolidado como verdade científica. Isso não significa que se possa alterar o que o Codificador escreveu. As alterações só poderiam ser feitas como comentários de rodapé ou em livros ou arti-

gos que desenvolvessem estudos sobre as obras básicas da Doutrina.

Um outro ponto importante a ser observado é quanto às concessões. Nenhum espírita tem o direito de fazer concessões, tanto no que diz respeito ao conteúdo doutrinário quanto à prática espírita, com o objetivo de agradar a quem quer que seja.

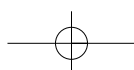
Um aspecto que requer muito cuidado é a introdução de práticas novas. Com o argumento de que tudo evolui e que o Espiritismo não pode ficar para trás, alguns trabalhadores, escudados na liberdade de que gozam os espíritas, deixam-se levar pelo entusiasmo e introduzem práticas novas no Movimento Espírita. Antes de concretizar a nova prática, algumas condições precisam ser observadas: É prática espírita? A prática está fundamentada nas obras básicas de Allan Kardec? Para se atingirem os objetivos propostos pelo Espiritismo, há necessidade dessas práticas? Elas realmente vêm para somar? Se for comprovado que não são práticas adequadas ou até mesmo nocivas ao Espiritismo, será fácil retirá-las? Se as respostas forem todas positivas, ainda assim há necessidade de cautela. Se uma ou mais forem negativas, a prudência recomenda não introduzir a prática em exame.

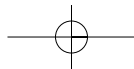
O ideal é que a prática espírita se limite ao que está bem fundamentado na Codificação e também no opúsculo *Orientação ao Centro Espírita*, que é um trabalho cuidadosamente elaborado pelo Conselho Federativo Nacional da FEB.

Com certeza, não precisamos ir além disso para praticar o verdadeiro Espiritismo. ■

Durante uma palestra sobre questões éticas, numa jornada médica, um expoente da psiquiatria brasileira, a certa altura, comentou que o médico não é dono da Medicina. Tanto é que ele não pode ensinar a sua profissão aos filhos, nem passá-la para eles. E mais: quando ele morre, a família tem o dever de levar a sua cédula de identidade de médico ao Conselho Regional de Medicina.

Podemos aplicar essa lição ao Espiritismo. O espírita não é dono dele, nem das casas espíritas. Como o próprio nome indica, a Doutrina Espírita pertence aos Espíritos Superiores, que, por sua vez, trabalham sob a orientação de Jesus, o Governador Espiritual da Terra. E as casas espíritas pertencem ao Es-





PRESENÇA DE CHICO XAVIER

Jesus e mediunidade

DIVINA MEDIUNIDADE – Em nos reportando a qualquer estudo da mediunidade, não podemos olvidar que, em Jesus, ela assume todas as características de exaltação divina.¹⁹

Desde a chegada do Excelso Benfeitor ao Planeta, observa-se-lhe o pensamento sublime penetrando o pensamento da Humanidade.

Dir-se-ia que no estábulo se reúnem pedras e arbustos, animais e criaturas humanas, representando os diversos reinos da evolução terrestre, para receber-lhe o primeiro toque mental de aprimoramento e beleza.

Casam-se os hinos singelos dos pastores aos cânticos de amor nas

vozes dos mensageiros espirituais, saudando Aquele que vinha libertar as nações, não na forma social que sempre lhes será vestimenta às necessidades de ordem coletiva, mas no ádito das almas, em função da vida eterna.

Antes dele, grandes comandantes da idéia haviam pisado o chão do mundo, influenciando multidões.

Guerreiros e políticos, filósofos e profetas alinhavam-se na memória popular, recordados como disciplinadores e heróis, mas todos desfilaram com exércitos e fórmulas, enunciados e avisos, em que se misturam retidão e parcialidade, sombra e luz.

Ele chega sem qualquer prestígio de autoridade humana, mas, com a sua magnitude moral, imprime novos rumos à vida, por dirigir-se, acima de tudo, ao espírito, em todos os climas da Terra.

Transmitindo as ondas mentais das Esferas Superiores de que procede, transita entre as criaturas, despertando-lhes as energias para a Vida Maior, como que a tanger-lhes as fibras recônditas, de maneira a harmonizá-las com a sinfonia universal do Bem Eterno.

MÉDIUNS PREPARADOS – Para recepcionar o influxo mental de Jesus, o Evangelho nos dá notícias de uma pequena congregação de médiuns, à feição de transformadores elétricos conjugados, para acolher-lhe a força e armazená-la, de princípio, antes que

se lhe pudessem canalizar os recursos.

E longe de anotarmos aí a presença de qualquer instrumento psíquico menos seguro do ponto de vista moral, encontramos importante núcleo de medianeiros, desassombrados na confiança e corretos na diretriz.

Informamo-nos, assim, nos apontamentos da Boa Nova, de que Zacarias e Isabel, os pais de João Batista, precursor do Médium Divino, “eram ambos justos perante Deus, andando sem repreensão, em todo os mandamentos e preceitos do Senhor”²⁰, que Maria, a jovem simples de Nazaré, que acolheria o Embaixador Celeste nos braços maternais, se achava “em posição de louvor diante do Eterno Pai”²¹, que José da Galiléia, o varão que o tomaria sob paternal tutela, “era justo”²², que Simeão, o amigo abnegado que o aguardou em prece, durante longo tempo, “era justo e obediente a Deus”²³, e que Ana, a viúva que o esperou em oração, no templo de Jerusalém, por vários lustros, vivia “servindo a Deus”.²⁴

Nesse grupo de médiuns admiráveis, não apenas pelas percepções avançadas que os situavam em contacto com os Emissários Celestes, mas também pela conduta irrepre-

¹⁹Em *A Gênese* (p. 293 e 294, FEB, 12. ed.), anota Allan Kardec, com referência aos fenômenos da mediunidade em Jesus:

“Agiria como médium nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, porquanto o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados e o Cristo não precisava de assistência, pois que era ele quem assistia os outros. Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como o podem fazer, em certos casos, os encarnados, na medida de suas forças. Que Espírito, ao demais, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se algum influxo estranho recebia, esse só de Deus lhe poderia vir. Segundo definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus.” – (*Nota indicada pelo Autor espiritual.*)

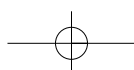
²⁰Lucas, 1:5.

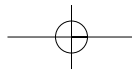
²¹Lucas, 1:30.

²²Mateus, 1:19.

²³Lucas, 2:25.

²⁴Lucas, 2:37.





ensível de que forneciam testemunho, surpreendemos o circuito de forças a que se ajustou a onda mental do Cristo, para daí expandir-se na renovação do mundo.

EFEITOS FÍSICOS – Cedo começa para o Mestre Divino, erigido à posição de Médium de Deus, o apostolado excelso em que lhe caberia carrear as noções da vida imperecível para a existência na Terra.

Aos doze anos, assenta-se entre os doutores de Israel, “ouvindo-os e interrogando-os”²⁵, a provocar admiração pelos conceitos que expendia e a entremostar a sua condição de intermediário entre culturas diferentes.

Iniciando a tarefa pública, na exteriorização de energias sublimes, encontramos-lo em Caná da Galiléia, oferecendo notável demonstração de efeitos físicos, com ação a distância sobre a matéria, em transformando a água em vinho²⁶. Mas, o acontecimento não permanece circunscrito ao âmbito doméstico, porquanto, evidenciando a extensão dos seus poderes, associados ao concurso dos mensageiros espirituais que, de ordinário, lhe obedeciam às ordens e sugestões, nós o encontramos, de outra feita, a multiplicar pães e peixes²⁷, no tope do monte, para saciar a fome da turba inquieta que lhe ouvia os ensinamentos, e a tranquilizar a Natureza em desvario²⁸, quando os discípulos assustados lhe pedem socorro, diante da tormenta.

Ainda no campo da fenome-

nologia física ou metapsíquica objetiva, identificamo-lo em plena levitação, caminhando sobre as águas²⁹, e em prodigiosa ocorrência de materialização ou ectoplasma, quando se põe a conversar, diante dos aprendizes, com dois varões desencarnados que, positivamente, apareceram glorificados, a lhe falarem de acontecimentos próximos.³⁰

Em Jerusalém, no templo, desaparece de chofre, desmaterializando-se, ante a espectação geral³¹, e, na mesma cidade, perante a multidão, produz-se a voz direta, em que bênçãos divinas lhe assinalam a rota.³²

Em cada acontecimento, senti-mo-lo a governar a matéria, dissociando-lhe os agentes e reintegrando-os à vontade, com a colaboração dos servidores espirituais que lhe assessoram o ministério de luz.

EFEITOS INTELECTUAIS – No capítulo dos efeitos intelectuais ou, se quisermos, nas provas da metapsíquica subjetiva, que reconhece a inteligência humana como possuidora de outras vias de conhecimento, além daquelas que se constituem dos sentidos normais, reconhecemos Jesus nos mais altos testemunhos.

A distância da sociedade hierosolimita, vaticina os sucessos amargos que culminariam com a sua morte na cruz³³. Utilizando a clari-vidência que lhe era peculiar, antevê Simão Pedro cercado de personalidades inferiores da esfera extrafi-

sica, e avisa-o quanto ao perigo que isso representa para a fraqueza do apóstolo³⁴. Nas últimas instruções, ao pé dos amigos, confirmando a profunda lucidez que lhe caracterizava as apreciações percucientes, demonstra conhecer a perturbação consciencial de Judas³⁵, a despeito das dúvidas que a ponderação suscita entre os ouvintes. Nas preces de Getsêmani, aliando clarividência e clariaudiência, conversa com um mensageiro espiritual que o reconforta.³⁶

MEDIUNIDADE CURATIVA – No que se refere aos poderes curativos, temo-los em Jesus nas mais altas afirmações de grandeza. Cercam-no doentes de variada expressão. Paralíticos estendem-lhe membros mirrados, obtendo socorro. Cegos recuperam a visão. Ulcerados mostram-se limpos. Alienados mentais, notadamente obediados diversos, recobram equilíbrio.

É importante considerar, porém, que o Grande Benfeitor a todos convida para a valorização das próprias energias.

Reajustando as células enfermas da mulher hemorroíssa, diz-lhe, convincente: – “Filha, tem bom ânimo! A tua fé te curou.”³⁷ Logo após, tocando os olhos de dois cegos que lhe recorrem à caridade, exclama: – “Seja feito, segundo a vossa fé.”³⁸

Não salienta a confiança por simples ingrediente de natureza mística, mas sim por recurso de ajusta-

²⁵Lucas, 2:46.

²⁶João, 2:1-12.

²⁷João, 6:1-15.

²⁸Marcos, 4:35-41.

²⁹Marcos, 6:49-50.

³⁰Lucas, 9:28-32.

³¹João, 7:30.

³²João, 12:28-30.

³³Lucas, 18:31-34.

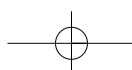
³⁴Lucas, 22:31-34.

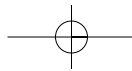
³⁵João, 13:21-22.

³⁶Lucas, 22:43.

³⁷Mateus, 9:22.

³⁸Mateus, 9:29.





mento dos princípios mentais, na direção da cura.

E encarecendo o imperativo do pensamento reto para a harmonia do binômio mente-corpo, por várias vezes o vemos impelir os sofredores aliviados à vida nobre, como no caso do paralítico de Betesda, que, devidamente refeito, ao reencontrá-lo no templo, dele ouviu a advertência inesquecível: – “Eis que já estás são. Não peques mais, para que te não suceda coisa pior.”³⁹

EVANGELHO E MEDIUNIDADE – A prática da mediunidade não está somente na passagem do Mestre entre os homens, junto dos quais, a cada hora, revela o seu intercâmbio constante com o Plano Superior, seja em colóquios com os emissários de alta estirpe, seja em se dirigindo aos aflitos desencarnados, no socorro aos obsessos do caminho, mas também na equipe dos companheiros, aos quais se apresenta em pessoa, depois da morte, ministrando instruções para o edifício do Evangelho nascente.

No dia de Pentecostes, vários fenômenos mediúnicos marcam a tarefa dos apóstolos, mesclando-se efeitos físicos e intelectuais na praça pública, a constituir-se a mediunidade, desde então, em viga mestra de todas as construções do Cristianismo, nos séculos subseqüentes.

Em Jesus e em seus primitivos continuadores, porém, encontramos a pura e espontânea, como deve ser, distante de particularismos inferiores, tanto quanto isenta de simonismo. Neles, mostram-se os valores mediúnicos a serviço da Religião Cósmica do Amor e da Sabe-

doria, na qual os regulamentos divinos, em todos os mundos, instituem a responsabilidade moral segundo o grau de conhecimento, situando-se, desse modo, a Justiça Perfeita, no íntimo de cada um, para que se outorgue isso ou aquilo, a cada Espírito, de conformidade com as próprias obras.

O Evangelho, assim, não é o livro de um povo apenas, mas o Código de Princípios Morais do Universo, adaptável a todas as pátrias, a todas as comunidades, a todas as raças e a todas as criaturas, porque representa, acima de tudo, a carta de conduta para a ascensão da cons-

ciência à imortalidade, na revelação da qual Nosso Senhor Jesus-Cristo empregou a mediunidade sublime como agente de luz eterna, exaltando a vida e aniquilando a morte, abolindo o mal e glorificando o bem, a fim de que as leis humanas se purifiquem e se engrandçam, se santifiquem e se elevem para a integração com as Leis de Deus.

André Luiz

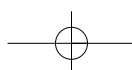
Fonte: XAVIER, Francisco C. e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da Mediunidade*. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 181-188. ■

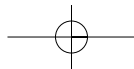


Congresso Espírita em Goiânia

Promovido pela Federação Espírita do Estado de Goiás, de 1º a 4 deste mês, realiza-se no Centro de Cultura e Convenções de Goiânia o XIX Congresso Espírita Estadual, com o tema central *Jesus: Guia e Modelo da Humanidade*, que será abordado, na conferência de abertura, por Zalmino Zimmermann, e desenvolvido, através de palestras e seminários, pelos expositores Marlene Rossi Severino Nobre, Altivo Ferreira, Otaciro Rangel, Manoel Tibúrcio Nogueira, Carlos A. Baccelli, Nehemias Marien, entre outros.

³⁹João, 5:14.





Compromisso mediúnico

André Luiz Rabello

Nos últimos tempos pode-se ver um aumento considerável de obras espíritas sobre o exercício correto da mediunidade. Este quadro aponta, incontestavelmente, para uma preocupação crescente por parte da Espiritualidade superior pela maneira como a atividade mediúnica está sendo executada por nós, os médiuns da Terra.

Essa apreensão de nossos estimados mentores espirituais infelizmente tem fundamento, pois a leitura desses livros mostra claramente os desvios morais e emocionais que boa parte daqueles reencarnados com a tarefa da mediunidade trouxe em sua jornada mediúnica.

Os motivos para esta triste realidade são variáveis, mas não há dúvida de que o principal deles continua sendo a vaidade cultivada por uma parte dos médiuns, ao acreditarem que os dons mediúnicos que possuem os colocam num pedestal e que, por isso, devem ser tratados como seres superiores, postura essa reforçada pela invigilância de muitas pessoas que contribuem para que esse comportamento equivocadamente recrudesça, endeusando os médiuns, incentivando neles, consciente e inconscientemente, essa atitude orgulhosa.

O conjunto desses fatos, sem

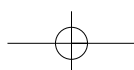
dúvida alguma, faz com que esses médiuns sejam manipulados por Entidades espirituais de baixa envergadura moral e fracassem em suas tarefas, pois eles acabam vendo a mediunidade não como uma oportunidade de serviço redentor para auxílio de Espíritos infelizes, mas como uma plataforma de propaganda pessoal e um meio de projeção do ego.

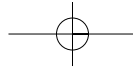
Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, no princípio do capítulo 14, deixa bem clara a completa impropriedade dessa forma de pensamento quando afirma categoricamente: “Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo (...)” E mais adiante diz: “Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns”, esclarecendo definitivamente a todos nós que a sensibilidade mediúnica é comum a todas as pessoas, embora se manifeste de formas e com intensidades diferentes em cada uma delas. Porém, isso não deve ser justificativa para se supor que existam aptidões mediúnicas superiores a outras, pois o mais importante é o bom uso que se faz dessa nobre faculdade e o quanto ela contribui para o bem do próprio médium e dos Espíritos em sofrimento a quem ele auxilia utilizando-se de sua mediunidade, e não o quanto ela chama a atenção daqueles que estão em volta, dando à prática mediúnica um caráter exibicionista, completamente afastado das

diretrizes nobres pelas quais deve sempre se conduzir.

Contamos, também, com a palavra segura de Emmanuel para confirmar a opinião do Codificador. No seu livro *Emmanuel* (o primeiro que escreveu através da mediunidade de Chico Xavier) retira os médiuns de sua posição de superioridade espiritual, ao afirmar na pág. 66: “Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas, e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso.”

Lendo essa afirmação, podemos concluir que aqueles que têm por tarefa a mediunidade são Espíritos moralmente em débito com a Lei, como a quase totalidade daqueles reencarnados na Terra, mundo de provas e expiações, mas devido à sua vontade de renovar-se espiritualmente receberam uma oportunidade bendita de reparação de seus erros através do serviço mediúnico correto, praticado com o propósito da caridade. E esse serviço deve ser executado sem vaidade, pois Emmanuel, mais à frente, esclarece que os médiuns “não deverão encarar a mediunidade como um dom ou como um privilégio, sim como bendita possibilidade de reparar seus erros de antanho, submetendo-se,





dessa forma, com humildade, aos alvitres e conselhos da Verdade”.

Todavia, a realidade que vemos no meio espírita no que concerne à mediunidade é que parte dos médiuns é vítima da vaidade e do desequilíbrio emocional, não só deixando de cumprir o que prometeram no plano espiritual como contraindo dívidas mais graves para si mesmos.

Podemos ver esse quadro doloroso em vários romances espíritas que tratam sobre a mediunidade, mas para não nos alongarmos em demasia, falaremos apenas de um deles.

Esse exemplo se refere à obra *Os Mensageiros*, de André Luiz. Quando em visita ao centro de mensagens no ministério das comunicações da colônia espiritual *Nosso Lar*, lugar esse destinado à preparação de médiuns e doutrinadores para reencarnação no planeta terrestre, André se apercebe pela primeira vez, desde sua desencarnação, do cuidado e preocupação da Espiritualidade maior com a atividade mediúnica em nosso planeta. Todos os recursos possíveis são postos à disposição dos candidatos à mediunidade para que triunfem nos objetivos a que se propõem. Entretanto, na maior parte das vezes, esses recursos são utilizados de forma negativa, como nos mostra o instrutor Telésforo, na página 37, em preleção a esses Espíritos aspirantes a retomar o exercício mediúnico no orbe terreno e se recuperar dos antigos erros. Afirma Telésforo: “Quando o Senhor vos enviava possibilidades

materiais para o necessário, regressáveis à ambição desmedida; ante o acréscimo de misericórdia do labor intensificado, agarrastes a idéia da existência cômoda; junto às experiências afetivas, preferistes os desvios sexuais; ao lado da família, voltastes à tirania doméstica.”

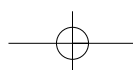


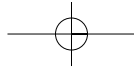
O inspirado orador continua dando exemplos de como aqueles ex-médiuns terrenos malbaratarem as possibilidades que lhes foram oferecidas pela misericórdia de Deus, dando vazão a seus antigos vícios e defeitos, esquecendo-se das tarefas que lhes foram confiadas para sua própria redenção. E mais adiante, os expectadores daquela sublime palestra choram de arrependimento quando o nobre mentor cessa o uso da palavra, reconhecendo seus deslizes no pretérito. Posteriormente, André Luiz ouve depoimentos impressionantes de Espíritos pertencentes àquela escola de médiuns no mundo espiritual, que exerceram a mediunidade na Terra e que receberam de seus queridos instrutores es-

pirituais ampla assistência e valiosos recursos para serem bem-sucedidos em seus labores mediúnicos, mas que falharam desastrosamente, por não conseguirem neutralizar as influências negativas das quais foram alvo nem domar suas más inclinações. Esses mesmos Espíritos informam o padecimento que enfrentaram em zonas espirituais inferiores logo após deixarem a vida física, devido à sua invigilância moral, tendo agora a necessidade urgente de reencarnar novamente, em situações talvez bem mais complicadas, devidas a novos compromissos morais assumidos.

Esses fatos, contados no segundo livro da série espiritual *Nosso Lar*, contudo, não podem nos levar a crer que todos aqueles que reencarnam com tarefas no campo mediúnico malogram. Muitos médiuns, mesmo cercados de dificuldades, acicatados por diversas tentações, e tendo de suplantar obstáculos imensos, conseguem ser vitoriosos, fazendo de suas mediunidades apostolados divinos.

O primeiro exemplo que vem à mente de todos nós é o do nosso querido Francisco Cândido Xavier. Mesmo tendo nascido pobre, tendo de conviver com diversas doenças e oportunidades de riqueza e fama, nunca se desviou do caminho reto, fugindo às tentações do mundo e suportando com resignação os males físicos que lhe atacavam a organização corpórea. Agindo assim, fez de sua mediunidade um instrumento perfeitamente afinado, manejado com





primor pelos bons Espíritos que escreveram através de suas mãos.

Dessa forma, psicografou mais de 400 livros, exaltando o Espiritismo como o Consolador prometido por Jesus, e balsamizou o coração de milhares de pessoas que haviam perdido seus entes queridos, através de suas mais de 10.000 mensagens psicografadas por Espíritos que vinham dizer a seus amados na Terra que não mais chorassem, pois eles estavam vivos e esperando ansiosos pelo reencontro na vida verdadeira.

Outro exemplo interessante a citar é o encontrado no livro *Voltei*, de Frederico Figner (irmão Jacob). Nascido na Tchecoslováquia, vindo morar no Brasil quando adulto, Figner, quando encarnado, trabalhou ativamente pelo Espiritismo, principalmente na área de mediunidade de cura e na doutrinação. Nos momentos que antecederam sua morte, surpreendentemente encontra dificuldades para deixar seu corpo físico, demonstrando ainda, nos seus primeiros instantes de desencarnado, certo apego à vida terrena, que acabara de se extinguir. Tempos depois, mesmo já acostumado ao clima da Erraticidade, se viu na contingência de realizar intensos estudos na colônia espiritual onde se encontrava, sendo acompanhado de perto por Espíritos de escol como Guillon Ribeiro, Bittencourt Sampaio e outros. Além disso, teve de esforçar-se para se livrar do excesso de vaidade que ainda carregava em seu coração, o que impedia que seu perispírito irradiasse qualquer iluminação, contrastando com a luminosidade de seus excelsos companheiros

Esse fato acabou sendo percebido por um Espírito a quem ele

tentou doutrinar, em visita ao ambiente terrestre. Durante a conversa entre ambos, esse Espírito lhe lançou acusações muito fortes sobre condutas erradas praticadas por seu doutrinador fora da mesa mediúnica, não vendo nele, portanto, autoridade moral para doutrinar nenhum Espírito sofredor.

Profunda tristeza e espanto lhe causou esse acontecimento. Apenas depois de um certo tempo, através de muito estudo, paciência, a observação de diversas situações, mas principalmente pela conscientização de sua pequenez espiritual, é que Figner consegue, numa ocasião na qual, indo de retorno a sua cidade espiritual após uma excursão a Terra, foi abordado por um grupo de clérigos desencarnados que começaram a lhe fazer ameaças e a proferir xingamentos em sua direção. E, orando humilde e sinceramente, pedindo proteção à Espiritualidade maior, conseguiu criar ao seu redor uma leve aura de luz arroxeadada. Essa sua luminescência perispírita fez com que aqueles Espíritos que o molestavam se assustassem e se afastassem dele. Figner, ao ver isso, ficou imensamente aliviado e feliz ao mesmo tempo, pois aquele era seu primeiro passo importante para a extirpação do orgulho que ainda reinava no âmago de seu espírito. A partir dali, prosseguiu Frederico Figner estudando, trabalhando e se aperfeiçoando cada vez mais e hoje continua laborando em prol do Espiritismo do Brasil junto com outros valorosos Espíritos.

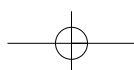
Analisando todos esses fatos, podemos ver que a mediunidade é uma tarefa importantíssima para aqueles que a realizam e que deve ser tratada com a máxima responsa-

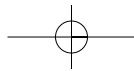
bilidade e não como instrumento de projeção social ou de exacerbação do orgulho. E mesmo fora do ambiente de trabalho mediúnico, o médium deve manter uma postura evangélica em todas as ocasiões da sua vida cotidiana, pois ele não é apenas médium no centro espírita, mas sim em todos os lugares aonde vai e em todas as situações que vivencia, como expõe tão bem o instrutor Áulus no capítulo 30 do livro *Nos Domínios da Mediunidade*.

Apenas com o estudo constante, os hábitos morais dignos, a disciplina dos sentimentos, o trabalho incessante no bem, o cultivo da oração e da humildade, é que o médium conseguirá ter sucesso em sua tarefa mediúnica, afastando de si as más interferências e granjeando o amoroso apoio de seus mentores espirituais para sua caminhada, fazendo de sua mediunidade, mesmo que seja modesta, uma luz para muitos daqueles irmãos desencarnados que ainda se encontram nas sombras. E mesmo que retorne a pátria espiritual com sua tarefa cumprida, seu trabalho nem por isso acabará, pois o progresso é incessante. Só através do trabalho e da dedicação ao próximo é que pouco a pouco deixaremos para trás nossos defeitos e maus hábitos, tornando-nos a cada dia melhores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ¹ XAVIER, Francisco Cândido. *O Livro dos Médiuns*, 70. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- ² _____. *Emmanuel*, 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000.
- ³ _____. *Os Mensageiros*, 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- ⁴ _____. *Voltei*, 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- ⁵ _____. *Nos Domínios da Mediunidade*, 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001. ■





Existência dos seres

Washington Borges de Souza

A Doutrina Espírita ensina que a vida resulta da união da matéria com o princípio vital e se manifesta e se evidencia, nos seres orgânicos, por meio da vitalidade. Os seres vivos, portanto, nascem, crescem, reproduzem-se e morrem. São dotados de órgãos apropriados à sua existência.

São muito variados os conceitos a respeito de sexo, tanto em meios científicos quanto entre leigos, religiosos ou profanos.

Esse tema não tem sido adequadamente considerado, dada a sua relevância no contexto das leis naturais e na influência que exerce na conduta e nas ações humanas.

Há muitas discussões em torno desse assunto. Perante as leis da Natureza é indiscutível o que o sexo representa na geração e procriação dos seres. A Doutrina Espírita, por isso mesmo, esclarece e enfatiza essa importância, por ser ele instrumento divino adequado a proporcionar oportunidades de progresso da alma mediante sucessivas reencarnações. Os pronunciamentos espirituais são unânimes ao acentuarem a importância do sexo no curso da existência encarnada e das sucessivas reencarnações do Espírito.

Os Espíritos destacaram sempre, enfaticamente, o respeito e a

sublimidade com que devem ser tratadas as questões atinentes à sexualidade, dada a gravidade das faltas cometidas a esse respeito, em práticas eróticas lamentáveis que deslustram a grandeza da condição humana.

Constitui, também, errônea interpretação das Leis de Deus deixar de atribuir ao sexo a função de instrumental divino indispensável ao aprimoramento espiritual. O estado de imperfeição é a causa principal de graves deslizes morais e, em quase todos eles, há implicações sexuais em arrastamentos ignóbeis devidos à ignorância dos preceitos do amor, cuja ação constrói e sustenta a própria vida.

Ocorrem, também, divergências entre algumas pessoas ligadas ao Movimento Espírita, a respeito do sexo dos Espíritos. Allan Kardec, o insigne Codificador da Doutrina Espírita, indagou sobre isso, na pergunta 200, constante do Capítulo IV, de *O Livro dos Espíritos*: “Têm sexos os Espíritos?” E obteve como resposta: “Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização (...)”. Esclarecem, ainda, na questão seguinte: “*Em nova existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa?*”

A resposta dada significa que os Espíritos não têm sexo como nós entendemos, ou seja, com órgãos masculinos ou femininos. Contudo, em sua aparência, se apresen-

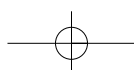
tam com as características dos seus perispíritos, isto é, masculinas ou femininas, porém, até quando hão de mantê-las é hipótese que escapa às nossas reflexões, em razão do nosso atual grau de progresso, somente sendo devidamente elucidada quando alcançarmos estágios compatíveis com os das almas evoluídas.

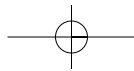
Verifica-se, também, em Espíritos pouco adiantados, conceituação errônea trazida de suas encarnações pretéritas referentes a procedimentos sexuais infelizes e que são manifestos em processos obsessivos, que requerem esclarecimento e ajuda fraterna.

As expressões e vestígios sexuais são facilmente vistos nos seres orgânicos inferiores da Natureza, animais e vegetais, o que demonstra que a Divina Providência se utiliza da sexualidade a fim de receberem o impulso do princípio vital existente no Universo para a criação da vida e perpetuação das espécies.

É sempre oportuno lembrar que todos os aviltamentos, abusos e desvios sexuais constituem delitos graves perante as Leis Divinas e impõem dolorosos resgates.

A reprodução das espécies nos reinos animal ou vegetal se dá de forma sexuada ou assexuada. O progresso científico e tecnológico alcançou métodos que permitem a inseminação e as enxertias. A Biologia conquistou notáveis progressos na Terra. A reprodução assexuada,





com a clonagem conseguida no reino animal, gera discussões acaloradas tendo em vista a possibilidade de ser estendida aos seres humanos, por envolver questões éticas, religiosas, filosóficas etc. Os processos de fertilização são, atualmente, objeto de acurados estudos e aprofundadas experimentações. Contudo, é sempre oportuno repetir que o dom da vida, o de criá-la, é exclusivamente de Deus, o que não significa que a

Ciência esteja impedida de aproximar-se dos processos naturais oriundos do Criador Universal.

A Doutrina Espírita ensina que o ser humano é formado pelo corpo somático e pela alma ou Espírito. Onde não há essa dualidade não existe o ser humano, sendo que a criação do Espírito é obra privativa de Deus e o corpo físico é também por Ele criado para morada provisória da alma.

É por meio do sexo que se concretiza a encarnação do Espírito e as reencarnações sucessivas possibilitam a cada um alcançar o seu destino, purificar-se, livrar-se das imperfeições.

O fim do corpo físico se dá com a morte, mas, o Espírito é imortal e seu destino é aproximar-se do Senhor da Vida, aprimorar-se e melhor servir e ajudar na obra da Criação. ■

Os três toques

(De Hydesville à Nova Jerusalém)

Mário Frigéri

Foi em Hydesville que se ouviram toques,
Em mil oitocentos e quarenta e oito.
Na casa de tábuas da família Fox
Percutiram “raps”, toques e retoques
Vindos do invisível, de alguém muito afoito.

Com ele dialogam, no bate-rebate,
As adolescentes Kate e Margaret:
Descobrem que, em vida, o ente foi mascate,
Morto ali na casa, em traçoeiro abate...
Logo em todo o mundo o fato foi manchete!

*É o toque-atenção... E, para um mundo em choque,
Foi esse o primeiro e alvissareiro toque.*

França. Agora estamos em mil oitocentos
E cinqüenta e seis, na casa de Kardec.
Ele está escrevendo, nos seus aposentos,
Quando escuta toques, a princípio, lentos,
Que vêm colocar-lhe a redação em xeque.

*Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*, 7. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1977, pergunta 222, p. 134.

Toque da alma

“Quando a sinceridade e a boa vontade se irmanam dentro de um coração, faz-se no santuário íntimo a luz espiritual para a sublime compreensão da verdade.”

*Emmanuel**

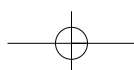
No dia seguinte, por gentil menina,
A jovem Baudin – via mediunidade –,
Lhe é dito que aquela intervenção divina
Presente estaria sempre na Doutrina:
Vinha de seu Guia – O Espírito Verdade.

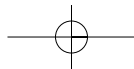
*É o toque-razão... Um luminoso enfoque
Trouxe a todo o mundo esse segundo toque.*

Mas quem toca o mundo agora é o próprio Cristo:
Ele vem joeirar, enfim, Sua seara.
Pois nenhuma ovelha, nenhum grão benquistado,
Que o Senhor Lhe deu, tal como foi previsto,
Deixará de ornar Sua real tiara.

E sussurra meigo ao coração do crente,
Envolvendo-o em Luz e Espiritualidade:
– Eis que estou à porta e bato suavemente,
Quem me ouvir a voz e abri-la, certamente,
Comigo estará por toda a Eternidade.

*É o toque-emoção... Que o mundo inteiro o evoque,
Pois esse é o terceiro e derradeiro toque.*





ESFLORANDO O EVANGELHO

Enmanuel

Não tiranizes

“E, com muitas parábolas semelhantes, lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender.”

– (Marcos, 4:33.)

Na difusão dos ensinamentos evangélicos, de quando em quando encontramos pregadores rigorosos e exigentes.

Semelhante anomalia não se verifica apenas no quadro geral do serviço. Na esfera particular, não raro, surgem amigos severos e fervorosos que reclamam desesperadamente a sintonia dos afeiçoados com os princípios religiosos que abraçaram.

Discussões acerbas se levantam, tocando a azedia venenosa.

Belas expressões afetivas são abaladas nos fundamentos, por ofensas indebitas.

Contudo, se o discípulo permanece realmente possuído pelo propósito de união com o Mestre, tal atitude é fácil de corrigir.

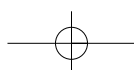
O Senhor somente ensinava aos que o ouviam, “segundo o que podiam compreender”.

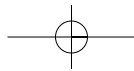
Aos apóstolos conferiu instruções de elevado valor simbólico, enquanto que à multidão transmitiu verdades fundamentais, através de contos simples.

A conversação dEle diferia, de conformidade com as necessidades espirituais daqueles que o rodeavam. Jamais violentou a posição natural de ninguém.

Se estás em serviço do Senhor, considera os imperativos da iluminação, porque o mundo precisa de servidores cristãos e, não, de tiranos doutrinários.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Pão Nosso*, 21. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 143, p. 297-298.





Há Espíritos?

Marcos Túlio Larcas

Introdução

Após descortinar a realidade da vida, através de sua dualidade espírito-matéria, em *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec continua estudando esta questão e abre a primeira parte de *O Livro dos Médiuns* elucidando nossa pergunta-título e confirmando a existência dos Espíritos. É o próprio Codificador¹ que apresenta os prováveis dois maiores escolhos ao entendimento desta veracidade espiritual:

- 1) “Geralmente são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade.”;
- 2) “A dúvida, no que concerne à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles.”

A excessiva credence de alguns acaba sendo um desserviço, pois, descompromissada com a lógica, termina não resistindo ao mínimo embate, fazendo com que os incrédulos desdenhem da tese apresentando sorrisos de mofa. O homem, intelectual por natureza, necessita de explicações racionais, e a Doutrina Espírita tem apresentado, para o primeiro item, de Kardec aos dias de hoje, não somente um número incontável de fatos que confirmam a existência dos Espíritos, como também esclarecido que pertencemos todos, encarnados e desencarnados, a uma mesma realidade. Espíritos somos todos nós, os que nos encontramos na carne ou fora dela, e os ditos “fantasmas” são aqueles de nós que atravessamos a porteira da vida para acordarmos na pátria espiritual portadores dos créditos ou deméritos acumulados em várias romagens corpóreas.

O segundo item, porém, é bem mais complexo de ser explicitado. A grande questão a ser respondida é onde habitam os Espíritos. Pode-se supor que eles existam, esta, aliás, é a atitude do verdadeiro cientista que nunca teme suposições, mesmo as mais disparatadas. Mas, enfocado do ponto de vista do espaço-tempo, há de ha-

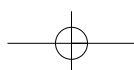
ver uma teoria que comporte a existência dos Espíritos. Tal teoria existe e suas implicações serão o tema central que abordaremos neste artigo.

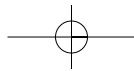
Além da geometria tridimensional

No dia 10 de junho de 1854 nasceu uma nova geometria. Seu autor chamava-se Georg Bernhard Riemann (1826-1866), um dos mais importantes matemáticos que o mundo conheceu. Riemann foi o segundo dos seis filhos de um pastor luterano paupérrimo que não poupou esforços para educar o filho, o qual, desde muito cedo, apresentava muita facilidade de aprendizado. Ele aprendia tão depressa que estava sempre superando o conhecimento dos seus professores, os quais consideravam impossível acompanhá-lo. O diretor da escola secundária, que Riemann cursava à época, resolveu mantê-lo ocupado dando-lhe um livro muito árduo. Tratava-se de *Teoria dos Números*, de Adrien-Marie Legendre, uma imensa obra-prima de 859 páginas, o mais avançado tratado existente então no mundo sobre a ainda hoje espinhosa matéria da Teoria dos Números. Riemann devorou todas aquelas difíceis páginas em somente seis dias. Uma semana após, quando o diretor perguntou: “– Quanto você já leu?” O jovem respondeu: “– Esse é sem dúvida um livro maravilhoso. Eu o assimilei por completo.” Acreditando tratar-se de uma fanfarronice do rapaz, o diretor preparou uma vasta gama de obscuras questões, todas extraídas daquele livro e, alguns meses mais tarde, aplicou-lhe o questionário. Riemann respondeu a todas elas com perfeição magistral.

Com 19 anos Riemann foi encaminhado para a prestigiosa Universidade de Göttingen, onde veio a ser aluno de nada menos que Carl Friedrich Gauss (1777-1855), o aclamado “Príncipe dos Matemáticos”. Gauss nunca se sentiu satisfeito com os limites da Geometria Euclidiana que, além de plana, era tridimensional. A realidade é que, quando jovem, Gauss tentou levar à frente um experimento para tentar provar que a

¹ KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. 62. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.





soma dos três ângulos de um triângulo não era igual a 180 graus e mostrar que o espaço não é plano. O experimento de Gauss falhou porque ele o realizou a distâncias muito pequenas, postando-se em uma montanha e posicionando dois de seus assistentes, cada um em outra montanha, para formarem um triângulo e medir a soma de seus ângulos internos. Hoje se sabe que, de fato, o espaço não é plano, mas curvo. Porém, só é possível fazer esta verificação através das enormes distâncias estelares. Gauss já estava velho demais e não arriscaria sua fama fazendo “conjecturas perigosas”. Assim, pediu ao seu brilhante aluno Riemann para preparar uma apresentação oral sobre os “fundamentos da geometria”. Riemann, contudo, ficou aterrorizado. Seu mestre lhe pediu para preparar uma palestra sobre o mais difícil problema matemático do século. Devido à pobreza, que o acompanhou durante toda a vida, o menino Riemann nunca teve uma boa alimentação. Por este motivo, sua saúde sempre foi muito débil. Levar a maior parte de sua vida entre quatro paredes, estudando febrilmente, só piorou seu estado de saúde. Desta forma, sua saúde finalmente entrou em colapso e ele sofreu um esgotamento nervoso no início de 1854. Mesmo assim, ainda naquele ano, ele conseguiu apresentar uma conferência que foi considerada a mais importante da história da matemática.

Como ocorre em muitas das mais importantes obras de física ou matemática, o cerne essencial da teoria geométrica riemanniana é de fácil compreensão. O Teorema de Pitágoras, um dos mais importantes achados dos gregos no campo da matemática, estabelece a relação entre os comprimentos dos três lados de um triângulo retângulo. Os dois lados menores de um triângulo retângulo são chamados “catetos”. O lado maior denomina-se “hipotenusa”. Por este teorema, a soma dos quadrados dos catetos de qualquer triângulo retângulo é igual ao quadrado da hipotenusa; ou seja, se nomearmos os catetos por c_1 e c_2 e a hipotenusa por h , o Teorema de Pitágoras será $c_1^2 + c_2^2 = h^2$. Este é o formato bidimensional do Teorema de Pitágoras. Escrivê-lo em três dimensões é bastante simples. Suponha-se um paralelepípedo cujas três arestas adjacentes sejam c_1 , c_2 e c_3 . Se sua hipotenusa for h , então vale a relação $c_1^2 + c_2^2 + c_3^2 = h^2$. O ponto de partida de Riemann foi supor a existência de um sólido, que chamaremos de “hipercubo”, num espaço de dimensão superior a três. Se c_1, c_2, \dots, c_n forem os comprimentos

dos lados deste cubo N-dimensional* e h o comprimento de sua diagonal, então pode-se generalizar o Teorema de Pitágoras para $c_1^2 + c_2^2 + \dots + c_n^2 = h^2$. Extraordinariamente, ainda que nossos cérebros não possam visualizar um cubo N-dimensional, é fácil redigir a fórmula para os seus lados.

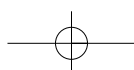
Aqui é importante fazermos um rápido comentário. O leitor, desacostumado com o linguajar técnico, poderá não compreender a diferença entre as duas abordagens, a euclideana e a riemanniana. De forma sucinta, deve-se aperceber que, até então, sempre se pensara que a investigação de um mundo proibido, com dimensões espaciais adicionais, originaria terríveis contradições. Para surpresa geral, Riemann estendeu várias equações tridimensionais para o caso N-dimensional, construiu novos objetos matemáticos e, sobretudo, erigiu um poderoso formalismo para descrever não somente espaços N-dimensionais planos, mas também espaços com qualquer número de dimensões e curvatura arbitrária; e, por mais incrível que possa parecer, ele não encontrou nenhuma contradição. Qualquer espaço N-dimensional, por ele estudado, era bem definido e coerente.

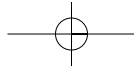
Conseqüências da quarta dimensão

Imagine-se com visão de raio X capaz de, caminhando, atravessar paredes, desaparecer ou reaparecer à vontade. O que um criminoso poderia fazer com tais poderes? Entraria no banco mais fortemente protegido, localizaria os valores e o dinheiro através das maciças paredes, enfiaria a mão tirando tudo que quisesse para fora, depois, simplesmente iria embora. Nenhuma prisão poderia detê-lo. Que ser possuiria um poder tão divino? Resposta: um ser do mundo multidimensional. Evidentemente, estas proezas estão acima da capacidade de qualquer pessoa tridimensional.

O que é exatamente viver em múltiplas dimensões? Vamos fazer uma correspondência entre os seres 4-dimensionais e nós, 3-dimensionais, usando de uma analogia entre nós e supostos seres 2-dimensionais que vivessem numa folha de papel. Neste mundo hipotético não haveria objetos sólidos. Tudo seria chato. Para os seres que lá vivessem não haveria sentido falar-se em al-

* O N que aparece em N-dimensional indica um número genérico para as dimensões espaço-temporais. Este N, ou n, pode ser, por exemplo, 3, 4, 5, bem como qualquer número inteiro que se queira.





tura. Eles só conseguiriam enxergar comprimento e largura. Lá, o indivíduo que falasse ser possível saltar para fora daquele mundo-folha, usando uma “fantasmagórica” terceira dimensão, estapafurdidamente chamada altura, imediatamente seria tachado de louco ou charlatão.

No nosso mundo tridimensional, para se aprisionar alguém, é necessário construir-se caixas contendo comprimento, largura e altura. No mundo-folha, como só existem duas dimensões, para encarcerar-se um criminoso, basta fazer um quadrado, com uma linha fechada, envolvendo o indivíduo. Em duas dimensões é impossível escapar deste quadrado. No entanto, uma pessoa tridimensional pode puxar o encarcerado para fora da cadeia, levando-o para a terceira dimensão. Do ponto de vista do carcereiro, o prisioneiro pareceria ter evaporado misteriosamente.

A verdade é que o mundo-folha, bidimensional, está imerso no mundo tridimensional. Os seres bidimensionais não possuem energia suficiente para trafegar através da dimensão extra (altura). Da mesma forma, nós, seres tridimensionais, estamos imersos no espaço N-dimensional. Após aprofundarmos o conhecimento da matemática e da física, conseguimos perceber (intelectualmente, é claro) a existência das múltiplas dimensões espaciais. Desafortunadamente, não sabemos ainda com exatidão qual quantidade de energia está envolvida no processo que nos permitiria saltar para o hiperespaço. É até provável que a energia necessária para tal salto seja superior a tudo que existe hoje disponível na Terra. Por outro lado, mesmo que já dispuséssemos da quantidade energética necessária, não conhecemos o mecanismo para “abrir” aquelas dimensões extras e realizar o estupendo salto ao hiperespaço.

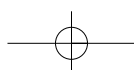
Conclusão

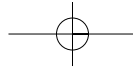
O universo em que vivemos é multidimensional. Isto é certo. Para se ter uma idéia da veracidade desta afirmativa, deve atentar-se para o fato de que as teorias da relatividade de Einstein e a mecânica quântica assentam suas bases na geometria multidimensional riemanniana. Nossa percepção sensorial limitada permite-nos enxergar somente três das infinitamente possíveis. Nós e os Espíritos vivemos no mesmo universo. Eles conseguem trafegar, livremente, através de dimensões superiores, enquanto estamos momentaneamente encarcerados em três. Mesmo entre os Espíritos, isto sabemos, existem gradações. Há

obsessores que preferem a convivência mais próxima à matéria, como também há os mentores espirituais, ditos Espíritos de Luz, mais refinados e purificados. A literatura espírita nos informa que, em geral, os Espíritos sofredores não conseguem enxergar os Espíritos superiores. São extensos os relatos de materializações ocorridas na esfera espiritual. O Espírito Matilde materializou-se diante de André Luiz e Gúbio para poder conversar com eles, e, mais tarde, foram ambos que se materializaram ao chegarem a uma esfera espiritual menos elevada, para que os seres daquela região pudessem enxergá-los². Também é comum associarmos aos Espíritos de escol maior poder, e, conseqüentemente, maior capacidade energética. Daí cogitamos possível haver Espíritos que conseguiriam dar saltos ao hiperespaço em dimensões mais elevadas que outros. Esta conclusão parece-nos bastante razoável. Dizemos isto não somente para Espíritos desencarnados, mas também entre alguns encarnados no desprendimento pelo sono, ou no estado sonambúlico (transe mediúnicos, por exemplo).

Matemáticos e físicos teóricos de todo o Planeta, da década de 70 aos dias de hoje, vêm febrilmente desenvolvendo a denominada Teoria das Supercordas. Esta tem sido chamada de “teoria do tudo”, pois se pretende que ela contenha em seu bojo as quatro teorias fundamentais do Universo que se conhecem. A Teoria das Supercordas não alcançou ainda a *status* de “teoria do tudo”, devido à impossibilidade operacional de se testar experimentalmente suas conclusões. Segundo esta, vivemos em um espaço de múltiplas dimensões, mas a quantidade de energia para saltarmos ao hiperespaço, tudo indica, vai além de nossa capacidade tecnológica atual. Dia virá, podemos imaginar, em que nós, os encarnados, construiremos máquinas para abrir portais multidimensionais e realizar proezas impensáveis através de distâncias incomensuráveis, em frações de segundo, o que hoje só é possível por meio da mediunidade. Neste dia, haveremos de encontrar os seres, amados de nossos corações, que se libertaram das algemas tridimensionais e se encontram livres e vivos no espaço multidimensional. A comunicação entre estes dois mundos será uma constante e receberemos, felizes, diretamente dos mentores espirituais, as imorredouras lições para nosso aperfeiçoamento intelecto-espiritual. ■

² XAVIER, F. C. *Libertação*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.





Hydesville

*“Recordas a Belém de nossa fé, Manjedoura
feliz do Espiritismo!”*

Nas telas sucessivas da verdade,
Brilharás como estrela para os povos
Na alegria recôndita que invade
A existência ideal dos homens novos!

Todo o roteiro espírita cristão
Algo de teu caminho nos descerra;
Concha acústica da Revelação,
Teus **raps** ecoaram pela Terra!

Contigo, um lar humilde e ignorado
Trouxe o verbo do Além, sereno e forte,
Revelando às Nações, em grande brado,
Para a glória da vida que há na morte.

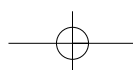
Três jovens médiuns contra os preconceitos
Venceram emboscadas e sofismas,
Mostrando aos olhos cegos e imperfeitos
Lições da Antigüidade noutros prismas.

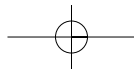
Fulguras como excelsa encruzilhada
Aos destinos humanos sofredores,
E és ainda a baliza iluminada
Por doce lenitivo às nossas dores.

Hydesville! Saudamos-te de pé,
Na luta contra as sombras do ateísmo!
Recordas a Belém de nossa fé,
Manjedoura feliz do Espiritismo!

LEÔNICIO CORREIA

(Poema recebido pelo médium Waldo Vieira, em 7/11/1960, na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, MG.)
Fonte: REFORMADOR de março de 1998, p. 9.





REFORMADOR DE ONTEM

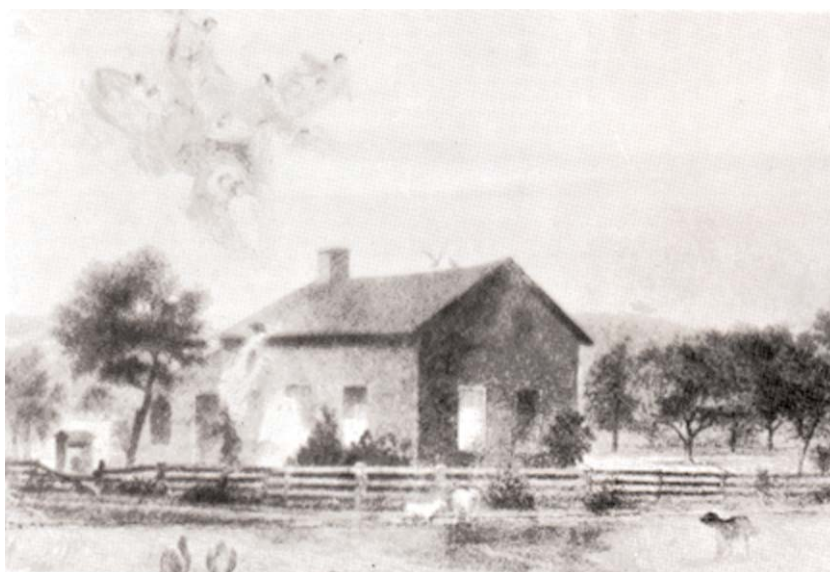
O começo da história sem fim

Lino Teles ¹

Na noite de 28 de março de 1848, nas paredes de madeira do barracão de John D. Fox, começaram a soar pancadas incomodativas, perturbando o sono da família, toda ela metodista. As meninas Katherine (Katie ou Kate), de nove anos de idade, e Margaretta, de doze anos ², correram para o quarto dos pais, assustadas com os golpes fortes nas paredes e teto de seu quarto.

Esse barracão, na aldeia de Hydesville, no Condado de Wayne, Estado de New York, era construído em terreno pantanoso. Os alicerces eram de pedra e tijolos até à altura da adega e daí para cima surgiam paredes de tábuas. Seus últimos ocupantes haviam sido os Weekmans, que posteriormente também confessaram ter ouvido ali batidas na porta, passos na adega e fenômenos outros inexplicáveis.

No dia 31 de março de 1848 a família Fox deitou-se mais cedo do



A cabana Fox, Condado de Wayne, Hydesville, N. Y., 31 de março de 1848

que de costume, pois havia três noites seguidas que não podiam conciliar o sono. Foi severamente recomendado às crianças, agora dormindo no quarto dos pais, que não se referissem aos tais ruídos, mesmo que elas os ouvissem.

Nada, porém, obstou a que pouco depois as pancadas voltassem, tornando-se às vezes em verdadeiros estrondos, que faziam tremer até os móveis do quarto.

As meninas assentaram-se na cama, e o Sr. John Fox resolveu dar uma busca completa pelo interior e pelo exterior da pequena vivenda, mas nada encontrou que explicasse aquele mistério.

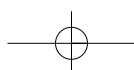
Kate, a filha mais jovem do ca-

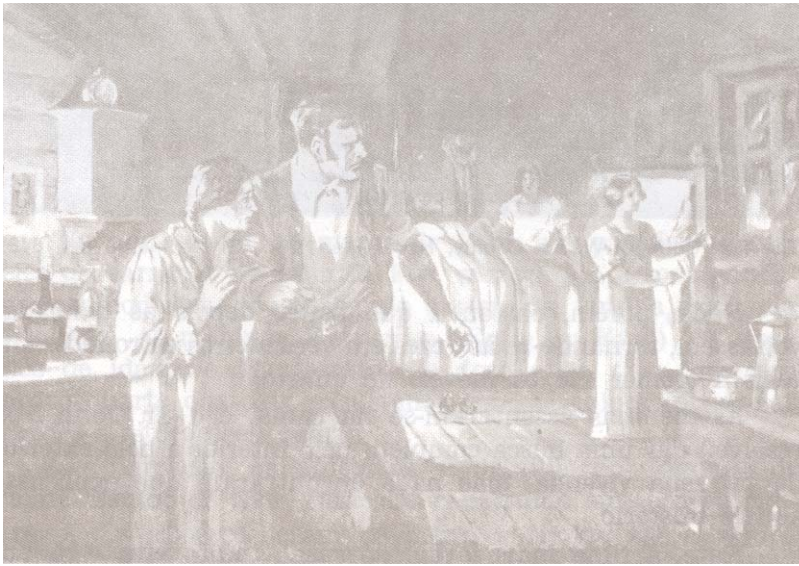
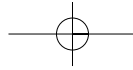
sal, muito viva e já um tanto acostumada ao fenômeno, pôs-se em dado momento a imitar as pancadas, batendo com os seus dedos sobre um móvel, enquanto exclamava em direção ao ponto onde os ruídos eram mais constantes: “Vamos, *Old Splitfoot*, faça o que eu faço.” Prontamente as pancadas do “desconhecido” se fizeram ouvir, em igual número, e paravam quando a menina também parava.

Margaretta, brincando, disse: “Agora, faça o mesmo que eu: conte um, dois, três, quatro”, e ao mesmo tempo dava pequenas pancadas com os dedos. Foi-lhe plenamente satisfeito esse pedido, deixando a todos estupefatos e medrosos.

¹ Pseudônimo de Ismael Gomes Braga.

² Há, com relação a essas idades, pequenas diferenças entre os autores, seja para menos, seja para mais. As idades que anotamos são devidas a Robert Dale Owen, e parecem ser as corretas. (Veja-se a obra *Kate Fox*, de W. G. Langworthy Taylor, 1933, págs. 47/48.)





Primeira comunicação obtida em Hydesville, quando Kate Fox recebe resposta aos seus sinais. Desenho de S. Drigin

Estava estabelecida a comunicação dos vivos com os mortos e asentada uma nova era de mais dilatadas esperanças, com a prova provada da continuidade da vida além do túmulo.

Naquela mesma noite de 31 de março várias perguntas foram feitas pelos donos da humilde casa e por alguns dos inúmeros vizinhos ali chamados, obtendo-se sempre, por meio de certo número de pancadas, respostas exatas às questões formuladas. O comunicante invisível forneceu ainda a sua história: fora um vendedor ambulante, que antigos moradores daquela casa assassinaram, havia uns cinco anos, para furtar-lhe o dinheiro que trazia; seu corpo se achava sepultado no porão, a dez pés de profundidade.

No barracão havia residido, em 1844, o casal Bell, sem filhos, e que só tinha uma criadinha, Lucretia Pulver, que não raro dormia fora, em casa dos pais. Feito um inquérito, foi ela ouvida, pois o casal já ha-



As irmãs Fox (Margaret, Kate e Leah), litografia de 1850

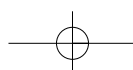
via desaparecido do lugar. Lembra-se de um vendedor ambulante que certo dia aparecera no barracão, e que os patrões a mandaram dormir na casa dos pais, para que o

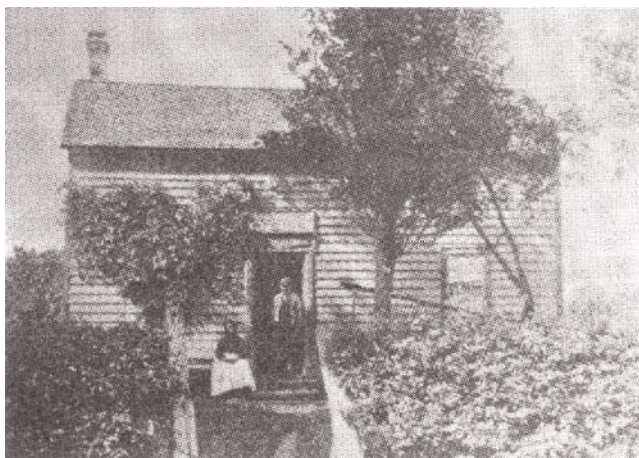
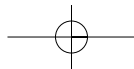
hóspede pernoitasse no quarto dela. Pela manhã compareceu ela em casa dos patrões e soube que o vendedor partira muito cedo.

Diante do depoimento obtido pelos golpes do batedor invisível, foram feitas escavações no porão, mas era tempo de chuvas e, como a água enchia logo a fossa que se abria no terreno pantanoso, resolveram realizar a busca em época propícia. No verão, continuaram a escavação e, a cinco pés de profundidade, foram encontrados carvão, cal e alguns ossos humanos. Por ser muito incompleto o achado, os incrédulos teceram suas dúvidas sobre a verdade da revelação.

As pancadas continuavam, tendo-as testemunhado várias centenas de curiosos. A pouco e pouco foram estabelecendo uma convenção para receberem respostas mais detalhadas às perguntas que se faziam aos autores invisíveis. Convencionou-se um alfabeto em que cada letra representaria determinado número de batidas: o A seria uma, o B seria duas, o C, três, e assim por diante.

As meninas Fox viajaram, e também em outras casas, onde se hospedavam, ouviam-se as tais pancadas, travavam-se novas conversações com os Espíritos, processando-se ainda outros fenômenos interessantíssimos. Notou-se que possuíam elas uma faculdade especial, e pouco depois se observou que outras pessoas eram dotadas de semelhantes faculdades: ao contacto de suas mãos uma mesa se levantava, dava pancadas com os pés, e essas pancadas respondiam com inteligência a perguntas. Nomes de respei-





Situação atual do barracão de Hydesville transferido por Benjamin F. Bartlett, em maio de 1916, para Lily Dale Spiritualist Camp. N. Y.

táveis personalidades já falecidas assinavam belas mensagens anunciadoras de uma revolução no campo moral das criaturas humanas, dizendo que afinal os tempos eram chegados para que novos horizontes se descortinassem aos destinos do homem.

Surgiu a época das mesas girantes que se tornou epidemia no mundo, como se pode ver da interessante obra de Zêus Wantuil, *As Mesas Girantes e o Espiritismo*.

Foram as mesas girantes, e depois falantes, que chamaram a atenção do Prof. Hippolyte Léon Denizard Rivail para os fenômenos espíritos.

Depois das mesas surgiu a escrita com o lápis preso a uma cestinha de vime e, finalmente, com a mão do médium. Servindo-se desses últimos meios, Rivail elaborou a grandiosa Codificação do Espiritismo.

Outros casos de depoimentos pessoais de mortos foram registrados e alguns confirmados posteriormente. Os *rappings* e *knockings* não mais se usaram na transmis-

são de notícias e informações de além-túmulo. O barracão de John Fox envelheceu e desmoronou em parte³, esquecido de todos, visto que surgiram fenômenos muito mais expressivos, formas de identificação de Espíritos comunicantes muito mais convincentes que le-

varam os estudiosos à certeza da continuação da vida *post mortem*.

Passou meio século de esquecimento sobre Hydesville. Eis senão quando, alguns escolares da aldeia, brincando no local das ruínas do barracão, notaram que havia caído parte de uma parede interna, junto do alicerce, deixando visível um esqueleto humano quase inteiro e um baú de ferro. Reconfirmava-se, assim, a declaração do Espírito do vendedor ambulante feita havia cinquenta e cinco anos. O casal Bell ocultara o cadáver e o baú junto da parede da adega e construíra pelo lado interior outra parede. O fato foi consignado pelo *Boston Journal* de 23 de novembro de 1904, que disse terem ficado assim desvanecidas as últimas sombras de dúvida ainda existentes.

Ao que tudo indica, o cadáver

³Em 1916, Benjamin F. Bartlett adquiriu os restos do velho barracão, reconstruindo-o na cidade de Lily Dale, N. Y., onde é conservado até os dias atuais. (Veja-se o *Grand Souvenir Book of the World Centennial Celebration of Modern Spiritualism*, obra publicada nos Estados Unidos, em 1948, p. 12.)

fora enterrado no centro do porão. Depois, conforme argumenta Sir Arthur Conan Doyle, alarmado o criminoso pela facilidade que havia em ser descoberto o crime, exumou o corpo para junto do muro. Ou porque a transferência se verificasse com muita precipitação, ou porque a luz era escassa, ficaram vestígios da inumação anterior.

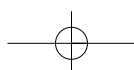
Hoje, esses ossos e o baú se acham em Lily Dale, em um museu, registrando a triste história da inferioridade humana, e recordando o nascimento de uma Nova História para a Humanidade.

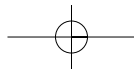
Um mundo de novos fenômenos mediúnicos, que se seguiram ao episódio de Hydesville, abriu outros caminhos aos estudiosos. Allan Kardec dilatou ainda mais os conhecimentos a esse respeito, sabiamente coordenando-os para uma compreensão menos imperfeita e mais justa do todo. Posteriormente, célebres trabalhos, devidos a homens notáveis, trouxeram subsídios importantes à obra do Codificador, muitos deles incorporando-se à Codificação, pois que esta não poderia ficar estática em determinado tempo, tendo de viver e crescer sempre, confirmada e apoiada por novos fatos bem verificados e inteligentemente interpretados.

O começo da História do Espiritismo é a noite de 31 de março para 1º de abril de 1848, mas o nascimento da Codificação é o dia 18 de abril de 1857. Houve nove anos de estudos e observações dos fenômenos, antes de aparecer o livro primeiro de Allan Kardec.

Essa história teve começo, mas não terá fim.

Fonte: *Reformador* de abril de 1978, p. 129-130. ■





A FEB E O ESPERANTO

O problema lingüístico na atualidade

Affonso Soares

O número de julho/2002 da revista *Esperanto*, órgão oficial da Associação Universal de Esperanto (Rotterdam, Holanda), estampou interessante texto de seu Diretor Geral, Trevor Steele, sob o título “Nós e o inglês”, em que são avaliadas as perspectivas do Esperanto diante da crescente presença da língua inglesa no campo das relações internacionais.

Tem-se ali, inegavelmente, uma realística configuração do problema lingüístico na atualidade, pela qual Trevor Steele, sendo ativo esperantista e fecundo literato na Língua Internacional Neutra, procura evidenciar forças e deficiências, verdades e mitos na argumentação que os esperantistas vêm mobilizando na defesa e sustentação de seu ideal. Ao mesmo tempo, Trevor Steele formula prognóstico igualmente realístico para a evolução das tendências que agora se manifestam com respeito à adoção de uma língua internacional para a Humanidade, encorajando os esperantistas à atitude que, no presente estágio, melhor lhes convém nos serviços em favor da nobre causa.

Trevor questiona a existência de um imperialismo lingüístico,

quando muitos homens, como é o caso dos holandeses, abraçam a causa do inglês sem, aparentemente, sofrerem quaisquer pressões. Não obstante, menciona o fato, igualmente constatado, de que pessoas e organizações tiram, conscientemente, proveito econômico e cultural da difusão de sua língua todo-poderosa.

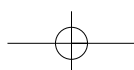
Evidencia também prováveis brechas no argumento de que o Esperanto desempenharia, no mundo moderno, o papel de protetor das línguas fracas. Trevor formula a indagação: não seria natural o fato de que línguas e dialetos tendem a “morrer” por contingências sociais a que estão submetidos?

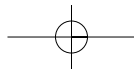
O argumento da relativa facilidade do Esperanto, embora reflita uma verdade indiscutível, não revestiria a importância que lhe tem sido atribuída, pois se a questão fosse apenas em torno de facilidade, o Esperanto já teria vencido há muito tempo. A facilidade, por si só, questiona Trevor, não constituiria motivação suficiente num contexto em que ainda prevalecem condicionamentos ditados por interesses exclusivamente econômicos e financeiros.

Um forte argumento em favor do Esperanto é o de que ele assegura igualdade a todos, indivíduos e povos, ao mesmo tempo que ensaja economia de recursos aplicáveis

em outros campos. Aqui Trevor focaliza um traço bastante significativo da posição dos homens em geral a respeito da diversidade lingüística e dos problemas que ela acarreta: a questão não reveste prioridade para a imensa maioria, não obstante os nexos existentes entre diversidade lingüística e desigualdades econômicas e culturais.

A análise das esperanças que o movimento esperantista tem alimentado, ao longo das décadas, a respeito da desejada, e adiada, vitória final, assume especial interesse, uma vez que Trevor Steele nela também inclui as relações entre Esperanto e Espiritismo no Brasil. Os pioneiros do Esperanto puseram as bases da vitória no apoio de elites intelectuais com mentalidade internacionalista. Nos anos 20 e 30, pretendeu-se ver no triunfo do socialismo a condição para a generalização do Esperanto, e, segundo Trevor, uma expectativa semelhante parece reinar nos círculos espíritas do Brasil. E as grandes organizações internacionais, não obstante apoios simbólicos, reconhecimentos formais do valor do Esperanto, não demonstram inclinar-se a qualquer atitude mais objetiva, concreta, em favor da grande causa, aparentemente enfraquecida no contexto atual, ainda bastante impregnado de sentimentos de exagerado nacionalismo, de autarquismos de diversa





natureza, de egoísmo particularista. Trevor Steele conclui suas análises com criteriosa exortação em que, reunindo realismo e idealismo, convoca todos os adeptos da causa esperantista à atitude que melhores convém e que, a rigor, pode aplicar-se a outros grandes ideais que, como o Esperanto, marcham ainda bem distantes da sonhada generalização.

Aqui passamos a palavra ao próprio autor do artigo, transcrevendo, em tradução, trechos do texto em foco:

“Penso que devemos aceitar, com realismo, estarmos atravessando uma época desfavorável à idéia de uma língua internacional neutra. Se não aceitarmos esse fato, corremos o risco de ficar batendo a cabeça contra muros inamovíveis.

Devemos, porém, recolher-nos em nosso acampamento, cuidar de nosso pequeno jardim e desfrutar o calor aconchegante de um grupinho íntimo?

Tanto a tentativa quixotesca de lutar contra o atual estágio evolutivo, quanto uma quase-renúncia à expansão externa, se me afiguram uma visão deficiente das dimensões de nossa campanha. Temos, afinal de contas, tentado resolver um problema provavelmente tão velho quanto a Humanidade, e ainda assim deixamo-nos subjugar pela impaciência apenas porque já mais de um século tem passado sem o advento da vitória final!

A língua Esperanto está pronta, é um belo instrumento suscetível de evolução, mas será que o mundo está preparado para aceitá-la? A Humanidade precisa ama-

durecer mais para ter uma justa compreensão das questões que temos levantado como motivo de nossa atividade.

Trabalhem por essa nobre causa, mesmo que não vejamos resultados imediatos. E o que fizermos, façamos com empenho, de modo criativo e prazeroso. Nossa contribuição é necessária, mas decisiva apenas quanto ao dever de manter vivas a língua e sua idéia até que a própria Humanidade decida.

A propósito, um último pensamento: o mundo se modifica com grande rapidez. Consideremos as diferenças entre o planeta em 1900 e em 2000. É fora de dúvida que as modificações serão maiores nos próximos cinqüenta anos do que o foram nos cem últimos. Em 2002 o Esperanto está sendo usado por uma porcentagem muitíssimo pequena da Humanidade. Talvez em 2052 sua popularidade venha a superar a que o inglês hoje desfruta.”

...

Muitas considerações poderíamos tecer em torno do pensamento de Trevor Steele, um valoroso idealista que, não tendo seu pensamento fecundado pelas perspectivas oferecidas pela Revelação Espírita, delas se aproxima por um sadio, esclarecido e equilibrado otimismo. Mas vamos apenas reapresentar exortações que o venerando Espírito Emmanuel dirigiu a Ismael Gomes Braga através da mediunidade de Chico Xavier:

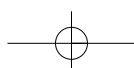
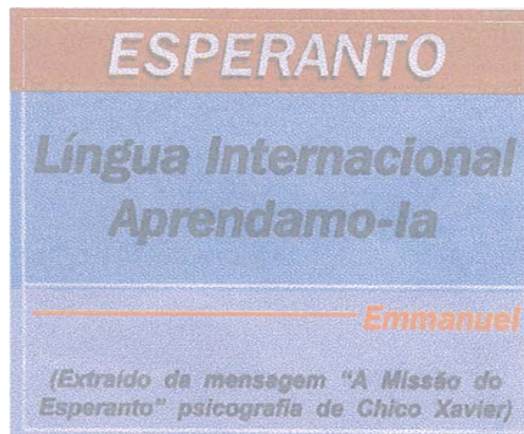
“(...) Em tuas lutas,

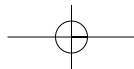
meu irmão, não te sintas abandonado. Devotados samideanos do Além colaboram contigo em teus esforços. A luta é árdua, mas é necessária, em face da vitória indiscutível. A missão do Esperanto é grandiosa e profunda junto das coletividades humanas. Não te entristeças, contudo, se os resultados da difusão da linguagem internacional parecem, por vezes, medíocres em extensão. A tarefa esperantista é muito grande e as realizações já efetuadas no orbe, pelos seus trabalhadores, são numerosas e consistentes, pressagiando as edificações do futuro.

(...) Não te entristeças, repito, e nem te atormentes em face da indiferença do mundo. Toda impassibilidade é transitória. Além disso, a missão de Zamenhof é de ontem. Poucos lustros assinalam as suas esperanças do princípio. E Jesus? Não podemos esquecer que o Evangelho espera a adesão do mundo há quase dois mil anos.

Continuemos, pois, em nossos esforços e não duvidemos daquele que é a luz e o amor de nossas almas.

Que Deus te abençoe. – Emmanuel.”





A Mensagem de Deus

Passos Lúrio

Conhecido banco paulista, por intermédio de sua agência no Rio de Janeiro, fez afixar em vários pontos da cidade, de fácil acesso à visão, expressivo *outdoor* com o seguinte fundo publicitário: de um lado oito crianças, de tamanhos e raças diferentes; de outro, os dizeres: *“As crianças são a Mensagem de que Deus não perdeu a esperança nos homens.”* (Tagore.)

Por várias vezes, detivemo-nos em contemplar o grupo infantil, todo ele formado de criaturinhas risosas, tranqüilas e felizes: cinco meninos e três meninas.

Do conjunto liliputiano, passávamos ao texto do imortal pensador e filósofo indiano.

Ligávamos as duas coisas – as crianças às palavras – para concluir que ali estava expressa uma das maiores e mais consoladoras verdades de todos os tempos. Sobretudo nas condições em que era feita a apresentação do pensamento do autor e do objeto a que ele se reportava.

Crianças de nacionalidades e raças diferentes, formando um bloco feliz e esperançoso...

Elas realmente se acham espalhadas por todas as partes do mundo, vicejando e florescendo em solos pátrios diferentes, entrosadas no organismo social de vários povos, cobrindo a superfície da Terra como peças vivas da Natureza, dando

vida e beleza à paisagem nebulosa e sombria das nações.

Elas são efetivamente os marcos luminosos da Esperança Celestial, deitando suaves e doces claridades por sobre os caminhos nevoentos e empoeirados da Crosta Planetária.

Elas falam de um futuro que poderá ser a mais empolgante e radiosa realidade dos nossos sonhos no presente.

Elas apontam uma posteridade integrada nas verdades e virtudes da Vida Imortal.

Graças a Deus existem crianças no Brasil, nas Américas, na Europa, na Ásia, na África, na Oceania, em todos os continentes, “como estrelas caídas da amplidão” nos recessos promissores dos lares e no caricioso regaço das famílias.

Graças ao Senhor há meninos e meninas cheios de vivacidade e inocência, de encantos e atrativos, flores em botão apendoados no Jardim da Vida, frutos em maturação no imenso Pomar do Mundo, enfeitando o panorama conturbado da existência humana.

“As crianças são a Mensagem de que Deus não perdeu a esperança nos homens.” (Tagore.)

Não há dúvida de que assim é. Vendo-as espalhadas pelos quadrantes do Planeta, como promissoras sementes atiradas à Gleba Terrena pelas mãos misericordiosas do Pai, nós sabemos que há outros corações, ainda virgens das maldades humanas, capazes de amar, de esperar, de orar, de trabalhar, de servir, de entender, de alcandorar-se nos altiplanos dos

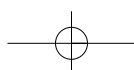
sentimentos; nós sabemos que há outras mentes – inúmeras mentes – suscetíveis de mentalizar o melhor e superior, de pensar somente no sentido do Bem, da Luz e da Verdade, de formular raciocínios altamente luminosos e benéficos, de delinear planos humanitários e beneméritos, de conceber idéias generosas e emitir vibrações construtivas.

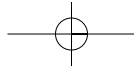
Enquanto houver crianças no Mundo, estará de pé a esperança de chegarmos um dia a Deus e de ser a Terra promovida a Paraíso.

Enquanto lhes ouvirmos as vozes ricas de doces e penetrantes sonoridades; enquanto lhes surpreendermos nos lábios os risos cândidos e atraentes; enquanto lhes virmos os gestos espontâneos, encantadores e graciosos; enquanto pudermos apreender-lhes nos olhos o brilho da candura, irradiando doce magnetismo e impregnando-nos a alma de blandiciosos eflúvios; enquanto tudo isto puder ser visto, ouvido e sentido, haverá promessas de felicidade para a Humanidade inteira.

Mas, para que essas promessas se concretizem em dulçorosas realidades, é mister que semeemos na criança as noções grandiosas dos ensinamentos de Jesus, educando-as para Deus.

Só então a Sua Mensagem de Esperança será encontrada em cada um de nós e dos nossos, depois de adultos, pois fazermo-nos homens e mulheres, com valores divinos em movimentação em nossas almas, é a única maneira de assegurar a nossa própria felicidade e a de todos. ■





PÁGINAS DA REVUE SPIRITE

Aparições

O fenômeno das aparições apresenta-se hoje sob um aspecto de certo modo novo, projetando uma viva luz sobre os mistérios da vida de além-túmulo. Antes de abordar os estranhos fatos que vamos relatar, julgamos de nosso dever repetir a explicação que foi dada e completá-la.

Não se deve de maneira alguma perder de vista que, durante a vida, o Espírito encontra-se unido ao corpo por uma substância semi-material que constitui um primeiro envoltório que designamos sob o nome de perispírito. Tem, pois, o Espírito dois envoltórios: um grosseiro, pesado e destrutível – o corpo; e outro etéreo, vaporoso e indestrutível – o perispírito. A morte nada mais é que a destruição do envoltório grosseiro, é a roupa usada que deixamos; o envoltório semimaterial persiste, constituindo, por assim dizer, um novo corpo para o Espírito. Essa matéria eterizada – é bom que notemos – absolutamente não é a alma, é apenas o seu primeiro envoltório. A natureza íntima dessa substância ainda não é perfeitamente conhecida, mas a observação nos colocou no caminho de algumas de suas propriedades. Sabemos que desempenha um papel capital em todos os fenômenos

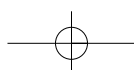
espíritos; após a morte, é o agente intermediário entre o Espírito e a matéria, assim como o corpo durante a vida. Por aí se explica uma porção de problemas até então insolúveis. Veremos, em artigo subsequente, o papel que ele representa nas sensações dos Espíritos. A descoberta do perispírito, portanto, se assim nos podemos expressar, permitiu que a ciência espírita desse um passo enorme e entrasse numa via inteiramente nova. Mas, direis, não será esse perispírito uma criação fantástica da imaginação? Não seria mais uma dessas suposições feitas pela ciência para explicar certos efeitos? Não; não é obra da imaginação, porque foram os próprios Espíritos que o revelaram; não se trata de idéia fantástica, desde que pode ser constatado pelos sentidos, ser visto e tocado. A coisa existe; apenas o termo é nosso. Necessitamos de palavras novas para exprimir coisas novas. Os próprios Espíritos o adotaram nas comunicações que tivemos com eles.

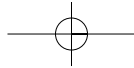
Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível para nós, embora possa sofrer modificações que o tornam perceptível à vista, seja por uma espécie de condensação, seja por uma mudança em sua disposição molecular: é então que nos aparece sob uma forma vaporosa. A condensação – termo que utilizamos à falta de outro melhor, mas que não deve ser tomado ao pé da letra – a condensação, di-

zíamos, pode ser de tal intensidade que o perispírito passa a adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível, embora seja capaz de retomar instantaneamente o seu estado etéreo e invisível. Podemos ter uma idéia desse efeito pelo vapor, que é capaz de passar da invisibilidade ao estado brumoso, depois ao líquido, em seguida ao sólido e vice-versa. Esses diferentes estados do perispírito são o produto da vontade do Espírito, e não de uma causa física exterior. Quando ele nos aparece é que dá ao seu perispírito a propriedade necessária para o tornar visível, e essa propriedade ele a pode estender, restringir e fazer cessar à vontade.

Uma outra propriedade da substância do perispírito é a de penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe opõe obstáculo: ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes.

Separado do corpo, o perispírito assume uma forma determinada e limitada, e essa forma normal é a do corpo humano, embora não seja constante; o Espírito pode dar-lhe, à vontade, as mais variadas aparências, até mesmo a de um animal ou de uma chama. Aliás, concebe-se isso muito facilmente. Não vemos homens que imprimem ao rosto as mais diversas expressões, imitando, a ponto de nos enganarem, a voz e as expressões de outras pessoas, parecerem corcundas, coxas, etc.? Quem na rua reconhece-





ria certos atores que só são vistos caracterizados no palco? Se, portanto, o homem pode assim dar ao seu corpo material e rígido aparências tão contrárias, com mais forte razão o Espírito poderá fazê-lo com um envoltório eminentemente flexível e que se pode prestar a todos os caprichos da vontade.

Os Espíritos, pois, geralmente nos aparecem sob a forma humana; em seu estado normal não tem essa forma nada de bem característico, nada que os distinga uns dos outros de uma maneira muito nítida; nos bons Espíritos, ela é ordinariamente bela e regular: longos cabelos flutuantes sobre os ombros e túnicas a envolver-lhes o corpo. Mas quando querem fazer-se conhecidos, tomam exatamente todos os traços sob os quais eram conhecidos e, quando necessário, até mesmo a aparência do vestuário. Assim, para exemplificar, como Espírito, Esopo não é disforme: mas se for evocado como Esopo, ainda que tivesse tido várias existências posteriores, apareceria feio e corcunda, com a indumentária tradicional. Essa vestimenta, talvez, é o que mais espanta; porém, se considerarmos que faz parte integrante do envoltório semimaterial, concebe-se que o Espírito possa dar a esse envoltório a aparência de tal ou qual vestuário, como a de tal ou qual fisionomia.

Tanto podem os Espíritos aparecer em sonho como em estado de vigília; essas últimas não são raras nem novas; sempre existiram em todos os tempos e a História as registra em grande número; mas sem retroceder tanto, hoje essas visões são bastante freqüentes e muita gente, num primeiro instante, as tomou por alucinações. São freqüen-

tes sobretudo nos casos de morte de pessoas ausentes, que vêm visitar seus parentes ou amigos. Muitas vezes não têm um fim determinado mas, em geral, podemos dizer que os Espíritos que assim nos aparecem a nós são atraídos por simpatia. Conhecemos uma jovem senhora que à noite, em sua casa, com ou sem iluminação, via homens que entravam e saíam, embora as portas estivessem fechadas. Isso a deixava muito espantada, tornando-a de uma pusilanimidade que tocava as raízes do ridículo. Certo dia viu distintamente seu irmão, então na Califórnia e que absolutamente não havia morrido, o que vem provar que o Espírito dos vivos pode vencer as distâncias e aparecer num determinado lugar, enquanto seu corpo repousa alhures. Desde que foi iniciada no Espiritismo essa senhora não mais teve medo, porque se deu conta das visões e sabe que os Espíritos que a vêm visitar não podem fazer-lhe nenhum mal. Quando seu irmão apareceu, é provável que estivesse dormindo; se pudesse ter explicado a sua presença poderia ter mantido conversação com ele, o qual, ao despertar, talvez conservasse uma vaga lembrança desse encontro. Além disso, é provável que nesse momento ele sonhasse que se achava ao lado da irmã.

Dissemos que o perispírito pode adquirir a tangibilidade; já falamos desse assunto quando nos referimos às manifestações produzidas pelo Sr. Home. Sabemos que por diversas vezes fez aparecessem mãos, que se podia apalpar como se fossem vivas mas que, repentinamente, se desvaneciam como uma sombra; mas não se tinham visto ainda

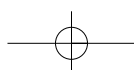
corpos inteiros sob essa forma tangível, embora esse fato não seja impossível. Numa família do conhecimento íntimo de um de nossos assinantes, um Espírito se vinculou à filha do dono da casa, menina de seus dez a onze anos, sob a forma de um belo garoto da mesma idade. Fazia-se visível para ela qual se fora uma pessoa comum, e visível ou invisível para os outros conforme lhe aprouvesse; prestava-lhe toda sorte de bons serviços, trazia-lhe brinquedos, bombons, fazia o serviço doméstico, ia comprar aquilo de que precisavam e o que mais o valha. Não se trata absolutamente de uma lenda da mística Alemanha, e de forma alguma é uma estória da Idade Média, mas, sim, de um fato atual, que se passa no momento em que escrevemos, numa cidade da França e numa família muito honrada. Fizemos até mesmo estudos bastante interessantes sobre esse fato, os quais nos forneceram as mais estranhas e inesperadas revelações. Haveremos de entreter nossos leitores de modo mais completo em artigo especial que publicaremos brevemente.

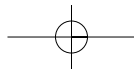
Allan Kardec

Fonte: *Revista Espírita* — dezembro de 1858. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. ■

NOTA

A partir deste mês, passamos a publicar a seção **PÁGINAS DA REVUE SPIRITE** – fundada por Allan Kardec –, traduzidas por Evandro Noleto Bezerra e por ele selecionadas.





Os Espíritos intervêm em nossas vidas!

Jorge Leite de Oliveira

A fora aquelas pessoas que não crêem na sobrevivência da alma após a morte do corpo físico, muitas outras existem que imaginam ser a desencarnação a separação definitiva entre os chamados vivos e os mortos.

Algumas narrações evangélicas parecem confirmar essa última suposição. Em Lucas (16:27-31), Jesus narra a parábola de Lázaro, o mendigo, e do homem rico. Após a desencarnação de ambos, o último pede ao Espírito Abraão para enviar Lázaro, que gozava das bem-aventuranças celestes, para avisar os cinco irmãos do rico sobre os tormentos morais dos que, como este, desfrutaram egoisticamente das riquezas materiais quando encarnados.

Em resposta, ouve o seguinte: “Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.”

O rico então replica que se algum dos mortos fosse ter com eles, arrender-se-iam.

Mas Abraão lhe diz: “Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite.”

Se essa parábola, ou mesmo a passagem evangélica em que Jesus pede para deixar “aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos”

(Lucas, 9:60) significassem que não há qualquer possibilidade de comunicação com os Espíritos, não fariam sentido as narrativas de Mateus (18:3-4) e Lucas (9:28-36), nas quais Jesus toma consigo Pedro, Tiago e João, condu-los a um alto monte e, ali, após o Cristo irradiar intensa luz, às vistas desses apóstolos, surgem os Espíritos Moisés e Elias, que conversam com o Mestre.

A visão foi tão real que Pedro propôs a Jesus fazer três tabernáculos, um para este e os outros dois para Moisés e Elias (Mateus, 17:4).

Coube aos Espíritos superiores restabelecerem a verdade sobre o intercâmbio entre os dois planos de uma mesma existência: a física e a espiritual. Na questão 459 de *O Livro dos Espíritos*, somos informados de que os Espíritos influem de tal modo em nossas vidas que, geralmente, eles nos “dirigem”.

Nossa alma é um Espírito que pensa. E, muitas vezes, vários pensamentos nos ocorrem simultaneamente sobre um mesmo assunto. É aí que se misturam com os nossos os pensamentos dos Espíritos, conforme lemos na questão 460 da obra supracitada.

A liberdade de ação cabe a nós, por isso, afirmam os Espíritos a Kardec, não é muito importante distinguirmos nossos próprios pensamentos dos que nos são sugeridos. (Op. cit., q. 461.)

A capacidade de distinguir se um pensamento sugerido procede

de um bom ou um mau Espírito é adquirida pelo estudo de cada caso. Como pode ser lido na questão 464: “Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir.”

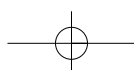
Orientam-nos, ainda, os Espíritos superiores, que podemos nos eximir da influência dos Espíritos que procuram nos arrastar para o mal “(...) visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.” (Op. cit., q. 467.)

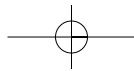
A forma de neutralizar a influência dos maus Espíritos é a prática do bem e a confiança em Deus. (Op. cit., q. 469.)

Se observarmos atentamente os inúmeros acontecimentos de nossas existências físicas, podemos encontrar, de forma incontestável, a confirmação das informações transmitidas pelos Espíritos a Allan Kardec.

Sim, nossas vidas e as das pessoas que conhecemos, ou não, são ricas de fatos atestatórios das influências dos Espíritos sobre os chamados vivos. E a destes sobre aqueles também é normal, embora nem sempre conscientes disso, assim como as influências dos encarnados entre si, que também podem ser ostensivas ou ocultas.

Filho de pai espírita convicto, embora este tenha falecido precocemente, aos cinquenta e poucos anos, quando tínhamos onze anos, aos vinte anos iniciamos, de fato,





nossa participação no Movimento Espírita do Rio de Janeiro. Por várias décadas, ansiávamos por ter uma demonstração patente da sobrevivência do Espírito paterno, embora tenhamos tido sonhos vagos com ele. Casamo-nos e... nada. A esposa, médium vidente, após alguns anos de casados, afirmou-nos tê-lo visto em certa ocasião e, ao perguntar-lhe, mentalmente, se ele ficaria conosco, respondeu-lhe que sim, espiritualmente.

Os anos passaram, a vontade de receber notícias do pai inesquecível permaneceu, mas também permanecemos calado. Jamais havíamos falado com ninguém sobre esse desejo. Desde que nos casamos, e há mais de vinte anos, cultuamos o Evangelho no lar. Durante esse período, sempre ouvimos de nossa companheira a notícia de que temos um mentor espiritual, mas nunca fizemos qualquer correlação deste com a figura paterna. Até que, há alguns meses, a esposa tornou a vê-lo e, discretamente, transmitiu-nos mediunicamente a seguinte mensagem: “Meus filhos queridos, tenho acompanhado-os por todos esses anos. Presenciei o renascimento de cada um dos seus três filhos e fui encarregado de ser o mentor espiritual do Evangelho no lar de sua família. Deixo aqui o meu abraço para todos vocês...” E identificou-se.

Era demais; a Espiritualidade coroava-nos a paciência da espera de mais de trinta anos com a mensagem daquele que, em vida, na curta convivência dos nossos onze anos, tínhamos como o modelo de honestidade, de elevação moral e de pai ideal.

Pouco tempo após, viajamos para o Rio de Janeiro e, abrigados

na casa materna, recebemos a ligação de um primo, que mora em Niterói. Espontaneamente, falou-nos ter assistido a uma reunião mediúnica em Minas Gerais, na casa da esposa de seu irmão. Essa senhora, também médium vidente e de psicofonia, embora sem nunca ter conhecido nosso pai, afirmou para todos os presentes a uma reunião do culto do Evangelho em seu lar que fora informada sobre a situação de diversos Espíritos familiares desencarnados. Concluiu afirmando: “De todos, o que está em melhor situação espiritual é o Sr. Sebastião.” E o identificou como tio do meu primo e meu inesquecível pai.

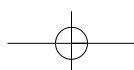
“O objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual”

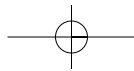
É como disse um dia Chico Xavier: “o telefone toca de lá para cá e não de cá para lá”. Quando os Espíritos nos julgam merecedores, se apresentam para nós, e se fazem conhecer, mas é preciso ter “olhos para ver e ouvidos para ouvir”, como falava Jesus. Por isso, dizia Kardec que o Espiritismo não é Ciência, no sentido comum dessa palavra. É Ciência de observação. Embora também se lhe aplique o método experimental, requer todo um procedimento que demanda esforço, crescimento espiritual.

“Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual.” (KARDEC, Allan. *A Gênese*. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980, cap. I, item 16, p. 21.)

Há poucos anos, participando de uma atividade de pesquisa na Biblioteca de Obras Raras, na FEB/Brasília, tivemos a felicidade de ler artigos de um “ex-inimigo do Espiritismo”: César Lombroso, o famoso psiquiatra e antropologista italiano, criador de uma tese famosa, utilizada ainda hoje, pela ciência criminológica, para identificar, pelos caracteres psicofísicos, a tendência de uma pessoa às atitudes criminosas, além de outras tendências. Era, então, César, materialista convicto. (LOMBROSO, César. *Hipnotismo e Mediunidade*. Trad. Almerindo Martins de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1974, p. 38). Até ter resolvido participar de algumas reuniões mediúnicas em casa de médium famosa, Eusápia Paladino, que materializou o Espírito da mãe de Lombroso. Este ficou tão emocionado e estupefato com a presença e expressões maternas, que não teve mais qualquer dúvida: o Espírito de sua mãe viera dar-lhe a certeza da imortalidade da alma. (Op. cit., p. 56.)

A partir desse dia, Lombroso se tornou um dos mais fervorosos divulgadores da Doutrina Espírita e autor da obra *Hipnotismo e Mediunidade*, traduzida pela Federação Espírita Brasileira, em que enfoca, à luz da Ciência espírita, a realidade dos fenômenos mediúnicos. >





> Na obra *E a Vida Continua...*, cap. 25, “Nova diretriz”, ditada pelo Espírito André Luiz a Francisco Cândido Xavier, é narrado o caso da influência, mente a mente, entre o Espírito Evelina Serpa e seu ex-marido, Caio Serpa, que ainda se encontrava encarnado.

A esposa desencarnada busca atuar sobre os pensamentos de Caio, objetivando influenciá-lo na decisão de consorciar-se com Vera, jovem por quem ele se apaixonara, mas se encontrava indeciso entre assumir ou não um compromisso de maior responsabilidade, como o de um segundo casamento.

O casamento entre Caio e Vera ajudá-los-ia a se reajustarem ante a lei de causa e efeito, como de fato ocorreu.

A influência dos Espíritos pode, entretanto, ser boa ou má. Os maus inspiram-nos maus pensamentos, “sopram a discórdia” entre nós, insuflam-nos as “más paixões” e nos “exaltam o orgulho”. Os bons

Espíritos inspiram-nos bons pensamentos, fazem-nos todo o bem que podem e se rejubilam com as nossas alegrias. Os nossos males morais os afligem mais do que os físicos. (*O Livro dos Espíritos*, q. 486 e 487.)

Temos, ainda, além da proteção dos parentes e amigos que nos precederam na “outra vida”, a do nosso Espírito protetor, comumente chamado anjo de guarda. (Op. cit., q. 489 e seguintes.)

Todo o nosso relacionamento com os Espíritos está na base da sintonia. Se nos ligarmos aos maus, os bons se afastam, se cultivarmos o bem, estes se aproximam e aqueles se afastam ou se convertem ao bem. Não foi por outra razão que Jesus nos recomendou: “Vigiai e orai, para não entrardes em tentação.” (Mateus, 26:41; Marcos, 14:38.)

O Espírito Emmanuel, no livro *Caminho, Verdade e Vida*, psicografado por Francisco Cândido Xavier (Lição 170: “Domínio Es-

piritual”.) afirma-nos: “Nos transe aflitivos a criatura demonstra sempre onde se localizam as forças exteriores que lhe subjagam a alma.” E, como mais elevada companhia, cita a do próprio Criador junto de nós, como sempre esteve junto do Cristo, conforme atestam suas palavras em João, 16:32: “Não estou só, porque o Pai está comigo.”

Se também estivermos em perfeita sintonia com Jesus, o Pai também estará conosco, assim como todos os Espíritos que Ele destinou para nos instruir, testar o nosso equilíbrio, evoluir conosco.

É a lei de solidariedade, junto à de justiça, amor e caridade, que regem os nossos destinos e nos solicitam, permanentemente, o bom uso do livre-arbítrio, a fim de que as boas influências espirituais se reflitam em nossos pensamentos, palavras e atos. Por isso, a sabedoria popular já afirma: “Dize-me com quem andas e te direi quem és”. ■

Isolamento

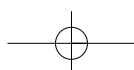
Corydes Mansores

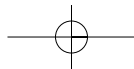
Se nos fosse possível o isolamento e, isolados, pudéssemos seguir sem sofrer nem causar constrangimento que nos prejudicasse no porvir;

se nos fosse possível o encantamento dos prazeres viver, sem dor sentir, bloquearíamos nosso sentimento prejudicando o eterno progredir.

Na convivência a alma cai em si, se chora, se padece, também ri ao descobrir, na caridade, a luz.

Por isso conviver é importante troca de experiências, incessante aprendizado aos olhos de Jesus.





O Espiritismo hoje

Robinson Soares Pereira

Nascido há 146 anos, o Espiritismo surgiu como o Consolador prometido por Jesus, conforme João (14:15-17 e 26), para trazer ao mundo a revelação da Boa Nova do Cristo visando à libertação da Humanidade de dogmas, ao ensinamento de novas verdades, à correção dos desvirtuamentos na doutrina original do Cristo e à consolação dos aflitos de todos os matizes.

Sem a preocupação de fazer prosélitos a todo custo, como ensinava Allan Kardec, o Codificador, a divulgação da Doutrina Espírita vem crescendo muito através do Movimento Espírita, graças à tarefa abnegada de muitos dos seus dirigentes, sobretudo pela necessidade premente da população de encontrar uma religião segura, sem falsas promessas, ou engodos de toda a sorte.

Com milhões de seguidores no Brasil e no Exterior, a Doutrina dos Espíritos Superiores está paulatinamente ocupando um lugar de destaque nos meios científicos, acadêmicos, artísticos e culturais. Mas não deixando de avançar na grande camada humilde da população, que é seu maior objetivo, já que esses são os mais necessitados de consolo.

Ao contrário do que pensam alguns poucos pessimistas, o Espiritismo tem crescido sim, e muito. O esvaziamento verificado em determinados agrupamentos espíritas dá-se, não raro, por dirigentes despreparados para a função de direção de uma instituição espírita, que acabam arvorando-se como verdadeiros “donos do centro espírita”, afastando muitos potenciais trabalhadores que, por seu lado, também são incapazes de superar os melindres para fazerem prevalecer, sobre os seus sentimentos, o sentimento maior pelo engrandecimento da Causa de Deus.

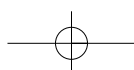
O Espiritismo, em alguns centros de estudo sérios, está colaborando para desvendar o grande mistério da Ciência do Espírito

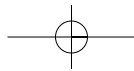
O Espiritismo, em função do seu crescimento, tem incomodado alguns dirigentes de seitas e até mesmo de algumas religiões centenas, que vêem nele uma ameaça,

não à salvação dos espíritas, como costumam pregar nos seus cultos, mas como uma real possibilidade de perda de seus fiéis, caso esses descubram o que de fato é o Espiritismo como doutrina do amor verdadeiro, não discriminatório, nem apelativo, mas de acordo com o Mandamento Maior da Lei, dado por Jesus (Mateus, 22:34-40).

De outro lado, caminhando junto com a Ciência, o Espiritismo, em alguns centros de estudo sérios, está colaborando para desvendar o grande mistério da Ciência do Espírito, que em futuro, já não tão longínquo como outrora, possibilitará esclarecer os enigmas da vida pós-matéria e os grandes conflitos do homem vivente no corpo material, preocupando-se não com o “Ter”, mas com o “Ser” de todos nós: o maior desafio de conquistarmos a nós mesmos, vencendo primeiro a luta interior contra as nossas imperfeições, para depois podermos dizer que vencemos o mundo: o mundo da indiferença diante do sofrimento alheio, do egoísmo destruidor, do orgulho sem sentido; enfim, das nossas mazelas humanas na busca da angelitude, já que nascidos de Deus, para Deus estamos voltando.

O Espiritismo tem demonstrado que nos dias atuais é, sem dúvida alguma, a doutrina mais apta a secundar o movimento de regeneração da Humanidade na busca de dias melhores. ■





A era Psi

Adésio Alves Machado

O homem navega desde muito tempo na era Psi, a letra grega designadora dos fenômenos parapsicológicos que se vêm tornando constantes no campo psicológico da vida humana.

Joseph Banks Rhine forneceu, com suas pesquisas, as armas ou os elementos aos que combatiam, e quiçá ainda hoje continuam a combater, os fenômenos espíritas. Não era, em verdade, uma negação da existência dos fenômenos, pois que se constituíam em fatos difíceis de não serem aceitos, porém, a negação do modelo de explicações espíritas quanto aos seus fenômenos, os quais eram tidos como fora do natural...

J. B. Rhine continuou os seus esforços de pesquisador e, por fim, chegou à evidência de que **“há no homem um conteúdo extrafísico e que a mente sobrevive à morte do corpo, a percepção extrasensorial era uma realidade”**.

Não obstante todas as negativas que tentavam obstaculizar o avanço do Espiritismo, foram um sucesso as experiências de voz-direta levadas a efeito em Londres e as explicações sobre as assombrações, muito comuns em palácios e residências da capital inglesa, que nada mais seriam do que manifestações dos chamados mortos, ou dos Es-

píritos. Abriam-se os caminhos, era indubitável.

Nessa época, o Clero mostrou-se ainda mais preocupado, sofreu forte abalo, tendo em vista que homens sérios, de ciência, seus grandes e ferrenhos adversários, tivessem passado a estudar com frequência os fenômenos estranhos, com isso chegando cada vez mais perto das afirmações fenomenológicas espiritistas.

O corpo bioplásmico surgiu na Rússia, na Universidade de Kirov, justamente numa terra em que há até hoje, menos agora do que antigamente, um certo predomínio das idéias marxistas materialistas, ou, no mínimo, uma reminiscência do materialismo científico. A prova científica da sobrevivência da alma desenhava-se a olhos vistos. O corpo espiritual decantado pelo Apóstolo Paulo mostrava-se às vistas atônitas dos homens de ciência da Rússia, causando perplexidade, claro, dando cabal razão às realidades anunciadas pelo ousado Espiritismo. Segundo Herculano Pires, houve verdadeiro alvoroço nas hostes dos **“mágicos de picadeiro, jejunos em ciências, trânsfugas da razão, intoxicados de incoerência cantando de galo nas rinhas da ignorância”**. Referia-se ele aos cientistas intransigentes e aos clérigos obstinados.

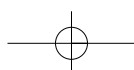
A mediunidade, que outra coisa não é senão o intercâmbio de idéias realizado pelas mentes dos Espíritos encarnados e desencarna-

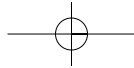
dos, fez-se visível; facilmente verificáveis se tornaram seus fenômenos quando, nas experimentações, havia a ausência do preconceito, da má-vontade, ou seja, quando eram eles observados por pessoas experimentadas na prática da mediunidade, e não pelos que nada sabiam, e que se limitavam a negar o incompreendido.

Chegou-se, como explicação, a aventar a idéia de que a materialização de Espírito, realizada com a participação da médium russa Stanislava, era um desdobramento de sua metade, ou seja, ela se dividia em duas personalidades, o que contrariava, frontalmente, o que ocorria, tendo em vista que eram duas personalidades a se mostrarem psicológica e fisicamente distintas.

Os recursos utilizados pelos misonéistas de todos os tempos são, foram e serão sempre os mesmos, pois que se baseiam em **não querem acreditar**. Para eles é o que basta, mesmo que as provas os agridam afrontosamente.

Arthur Colan Doyle, famoso escritor inglês, autor das histórias de Sherlock Holmes, que chamou Léon Denis de o Druida de Lorena, e que mais tarde escreveu a *História do Espiritismo*, numa de suas conferências, realizada em Paris, em 1920, ressaltou palavras deste apóstolo de Allan Kardec, segundo o qual estava mais do que claro que o século XX veria a vitória do Espiritismo. Léon Denis não se enganou, porque, exatamente, é isto que





mais se comprova com o passar dos anos.

Nesse século, então, presenciou-se não os adeptos espíritas empenhados em comprovar suas afirmações fenomênicas mediúnicas, mas os cientistas bafejados pelas luzes da Espiritualidade aceitando como fatos os fenômenos espíritas.

Chega a era de Freud no campo psicológico, a qual inaugura os tempos da Psicanálise, que atingiu o seu auge com Jung revelando os seus arquétipos, os quais somente tiveram realidade, devidamente comprovável, porque vicejaram na dimensão dos Espíritos. O espiritual seria, como está sendo, bem conhecido de todos, numa aceitação crescente, sem o enfrentamento de maiores barreiras.

A era Psi prossegue com as luzes cada vez mais brilhantes e difundidas pelas terras do Brasil e de além-mar, malgrado os ventos bravios da ignorância humana, cuja predisposição atávica é pelo comodismo, pelo mais fácil, não se empenhando pelo estudo que leva à aceitação das verdades espíritas, tendo por meta conduzir a todos, que a ele se filiaem, à perfeição espiritual, desde que abracem de forma destemida e com amor os ensinamentos cristicos como norma de conduta.

Saibamos, e nunca é demais salientar, que não basta abraçar o Espiritismo. É necessário, imprescindível mesmo, sermos por ele abraçados, o que significa vivermos os seus postulados doutrinários.

Os fenômenos que envolvem o psiquismo são os mesmos de antes, comandados pela mediunidade, só que menos frequentes, tendo em vista que a fase de despertar através da necessidade de impressio-

nar os sentidos arrefeceu, trocou de lugar com o uso da razão, da lógica e do bom senso, qualidades características do nobre Codificador do Espiritismo, Allan Kardec, que soube assentar toda a sua inteligência no princípio científico de que “todo efeito tem sua causa, e que se o efeito é inteligente a causa há de ser também inteligente”. Assim ele chegou aos Espíritos e aos fenômenos provocados por eles. Rapidamente compreendeu que tudo quanto acontecia de estranho no lado espiritual da vida podia ser estudado e que havia uma finalidade preponderante: a de acordar a mente humana para a nossa imortalidade, para a vida além da sepultura e que Jesus era e é o Guia e Modelo da Humanidade.

Não cessarão jamais os fenômenos e o crescente número dos que adotam o Espiritismo como a Ciência, a Filosofia e a Religião a

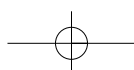
serem estudadas pelo ser humano. Ali ele certamente encontrará recursos inteligentes para uma transformação intelecto-moral, a qual viabilizará o seu ingresso na falange de fiéis trabalhadores de Jesus.

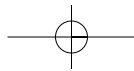
Os Espíritos desencarnados estão associados aos encarnados, numa tarefa santificante, como diz o Espírito Lacordaire, em mensagem encontrada em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (capítulo XVI, item 14), para, juntos, conseguirem a regeneração do homem, usando estas palavras: “(...) Nós nos devemos uns aos outros; somente pela união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados será possível a regeneração.” Depois demonstra que os bens terrenos são um dos maiores óbices para o nosso adiantamento moral e espiritual. Desapeguemo-nos deles, antes que deles sejamos prisioneiros, escrivos. ■

Nossos Colaboradores

Agradecemos aos nossos colaboradores a sua valiosa contribuição para que *Reformador* continue mantendo sua linha editorial de divulgação da Doutrina Espírita no tríplice aspecto de Ciência, Filosofia e Religião. A limitação de espaço nem sempre nos permitiu publicar os artigos logo após seu recebimento pela Redação, obrigando-nos a retê-los para inclusão em edições futuras. A fim de evitar esse transtorno, aumentamos a quantidade de páginas de texto, de 32 para 40, a partir de janeiro deste ano.

Em face de programarmos nossas edições com antecedência, solicitamos aos colaboradores o obséquio de anteciparem de dois a três meses a remessa dos artigos que se reportarem a datas e temas específicos: Ano-Novo, Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, Dia das Mães, Natal, etc.





Por que dizer não ao carnaval?

Bittencourt Rezende di Nápoli

Encontramos na humilde biblioteca de nosso estimado pai, o Sr. Leonardo di Nápoli Filho, em um livro intitulado *Sementeira Cristã*, publicado pela FEB em 1939, de autoria de Clovis Tavares, dedicado estudioso espírita de Campos, Estado do Rio de Janeiro, no capítulo XXIII, bela historietta denominada “Nos três dias de Carnaval”. Na parte final deste capítulo foi colocada a bibliografia e a linda mensagem de nosso querido Emmanuel, guia do Apóstolo da Mediunidade Francisco Cândido Xavier, por este psicografada em julho de 1939, a qual transcrevemos abaixo:

Sobre o carnaval

“Nenhum espírito equilibrado em face do bom senso, que deve presidir a existência das criaturas, pode fazer a apologia da loucura generalizada que adormece as consciências nas festas carnavalescas.

É lamentável que, na época atual, quando os conhecimentos novos felicitam a mentalidade humana, fornecendo-lhe a chave maravilhosa dos seus elevados destinos, descerrando-lhe as belezas e os objetivos sagrados da Vida, se verificam excessos dessa natureza entre as sociedades que se pavoneiam com

os títulos de civilização. Enquanto os trabalhos e as dores abençoadas, geralmente incompreendidos pelos homens, lhes burilam o caráter e os sentimentos, prodigalizando-lhes os benefícios inapreciáveis do progresso espiritual, a licenciosidade desses dias prejudiciais opera, nas almas indecisas e necessitadas do amparo moral dos outros espíritos mais esclarecidos, a revivescência de animalidades que só os longos aprendizados fazem desaparecer.

Há nesses momentos de indisciplina sentimental o largo acesso das forças da treva nos corações e, às vezes, toda uma existência não basta para realizar os reparos precisos de uma hora de insânia e de esquecimento do dever.

Enquanto há miseráveis que estendem as mãos súplicas, cheios de necessidade e de fome, sobram as fartas contribuições para que os salões se enfeitem e se intensifique o olvido de obrigações sagradas por parte das almas cuja evolução depende do cumprimento austero dos deveres sociais e divinos.

Ação altamente meritória seria a de empregar todas as verbas consumidas em semelhantes festejos, na assistência social aos necessitados de um pão e de um carinho.

Ao lado dos mascarados da pseudo-alegria, passam os leprosos, os cegos, as crianças abandonadas, as mães aflitas e sofredoras. Por que protelar essa ação necessária das forças conjuntas dos que se preocupam com os problemas nobres da

vida, afim de que se transforme o supérfluo na migalha abençoada de pão e de carinho que será a esperança dos que choram e sofrem? Que os nossos irmãos espíritas compreendam semelhantes objetivos de nossas despretensiosas opiniões, colaborando conosco, dentro das suas possibilidades, para que possamos reconstruir e reedificar os costumes para o bem de todas as almas.

É incontestável que a sociedade pode, com o seu livre-arbítrio coletivo, exibir superfluidades e luxos nababescos, mas, enquanto houver um mendigo abandonado junto de seu fastígio e de sua grandeza, ela só poderá fornecer com isso um eloqüente atestado de sua miséria moral.”

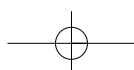
...

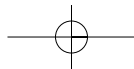
Amigo leitor, esta mensagem já completou 63 anos e continua atualíssima.

Sabemos que nós, espíritas, que desejamos cumprir nossos deveres diante da oportunidade que Jesus nos concede na reencarnação atual, devemos analisar com segurança a orientação de nosso instrutor espiritual, justamente pela clareza de sua exposição de idéias, principalmente no que diz respeito ao encaminhamento melhor dos recursos pecuniários que são desperdiçados por ocasião dos festejos de Momo.

Não podemos entregar-nos a estes desvios que nos conduzem ao “materialismo dissolvente”.

Nestes festejos, em seus quatro principais dias, ocorrem as grandes





calamidades sociais como: atropelamentos, crimes, assaltos e outras infelizes barbaridades catalogáveis pela polícia e pela medicina socorrista.

Nosso elevado destino é o progresso, a evolução espiritual para atingirmos melhor patamar na espiritualidade que cedo ou tarde nos aguarda.

O instrutor espiritual Humberto de Campos, que posteriormente se cognominou Irmão X, pela singular psicografia de Chico Xavier, nos informa que “as pessoas passam o ano inteiro mascaradas e nos dias de Momo retiram as máscaras”; muitos companheiros, até dentro das hostes espíritas, nos dizem que o carnaval é alegria; pode até ser, mas é uma alegria negativa.

Nestes dias de Momo os Espíritos vinculados às regiões umbralinas aproveitam para exercer suas faculdades de vampirismo, sugando as energias dos nossos desavisados e incautos irmãos.

Precisamos ajudar os nossos jovens a definirem o que deverão fazer nesses dias em que ocorrem tais festejos, que têm causado tantas infelicidades em nossa comunidade; existem tantas tarefas a executar e muitas delas bastante inovadoras abrindo um grande leque para se portarem com legítima fraternidade e solidariedade cristã.

Neste Terceiro Milênio, necessitamos oferecer o melhor a Jesus, para que a Doutrina Espírita seja com toda força “Uma Nova Era para a Humanidade”, conforme nos informou o Codificador – Allan Kardec.

Façamos o que nos dizem os instrutores espirituais: “Valorizemos o tempo para que o tempo nos valorize.” ■

II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE

Transformai-vos pela renovação da vossa mente. Paulo (Romanos, 12:2).

A Federação Espírita Brasileira realizará, nos dias 25, 26 e 27 de julho de 2003, em sua sede em Brasília, o II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE, em comemoração dos vinte anos da Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, lançada, em novembro de 1983 pelo Conselho Federativo Nacional da FEB. Os Coordenadores e Monitores de ESDE serão o público-alvo desse Encontro, podendo cada Federativa dele participar com até quatro representantes.

Tendo por eixo temático a exortação de Paulo de Tarso, em epígrafe, o II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE buscará atingir os seguintes objetivos:

Objetivo geral: *refletir sobre o objetivo do ESDE e sua importância como instrumento de transformação do ser.*

Objetivos específicos: *a) evidenciar as conseqüências do ESDE para o indivíduo, para as Casas Espíritas e para a Sociedade; b) apontar problemas e propor soluções para o bom funcionamento do ESDE; c) avaliar a atual situação da Campanha do ESDE; d) trocar experiências sobre a implantação, a manutenção e o acompanhamento da Campanha do*

ESDE; e) propor ações para a dinamização da Campanha do ESDE; f) comemorar os 20 anos do lançamento da Campanha do ESDE em nível nacional.

O II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE constituir-se-á, dessa forma, em oportunidade excelente não só para a avaliação do estágio atual do ESDE em todo o Brasil, como também para a elaboração de metas com vistas à dinamização da Campanha em referência.

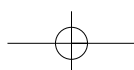
Assim, a participação no evento e o empenho na aplicação dos seus resultados serão a nossa melhor contribuição para que o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita possa, de fato, como afirmou Kardec em *Obras Póstumas, exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas conseqüências.* ■

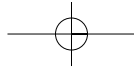
REFORMADOR ENCADERNADO

A coleção completa, com índice alfabético das matérias, de *Reformador* de 2002, título em gravação dourada, está à venda na Livraria da FEB, na Avenida Passos, 30, Rio de Janeiro-RJ.

Os interessados não-residentes no Rio de Janeiro poderão endereçar o pedido de seu exemplar para a Rua Souza Valente, 17, CEP 20941-040 – Rio de Janeiro-RJ.

Algumas coleções de anos anteriores igualmente estão à venda.





SEARA ESPÍRITA

Paraná: Reunião Inter-Regional

A Comissão Inter-Regional, que abrange as áreas das União Regionais Espíritas das 2ª e 12ª Regiões – órgãos da Federação Espírita do Paraná –, realiza no dia 16 do corrente mês, no Centro de Desenvolvimento Tecnológico de Guarapuava, a Reunião Inter-Regional Centro, com o seguinte programa: Seminário Geral – Influência espiritual paralisante; Seminários Setoriais: a) Área Administrativa/Institucional – Coerência administrativa; b) Área Doutrinária/Difusão – O espírita: lucidez; c) Área de Infância e Juventude – A pedagogia do amor; d) Área de Assistência Social Espírita – A caridade do esclarecimento.

FEERJ (RJ): Projeto Água Viva

A Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro promoveu, nos dias 1º e 2 de fevereiro, o Seminário “Projeto Água Viva” – Os pilares da Educação sob a ótica espírita –, com os educadores de Natal (RN) Sandra Borba Pereira e Francisco de Assis Pereira.

Itália: Livros espíritas em italiano

O novo catálogo das “Ediciones Mediterranee”, com 116 páginas, contém as obras completas de Allan Kardec, grande parte das obras escritas por León Denis, Emanuel Swedenborg, Ernesto Bozzano e Arthur Conan Doyle.

As Casas Fraternalis O Nazareno, de Santo André (SP), presididas por Dorival Sortini, já traduziram para o italiano mais de 40 títulos de livros espíritas psicografados por Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco, de autoria dos Espíritos Emmanuel e Joanna de Ângelis. As obras são distribuídas na Itália através da Livraria “Ilponte” (Via Delle Legue, 5 – Milão - Itália; e-mail: libreria@ilponte.it).

Encontro Espírita de Sergipe e Alagoas

Realizou-se na cidade de Penedo (AL), no Teatro 7 de Setembro, em 16 de fevereiro passado (e não em 16 de dezembro/2002, como noticiado na *Seara Espírita* de janeiro) o I ENESEAL – Encontro Espírita de Sergipe e Alagoas –, promovido pelas Federações Espíritas dos referidos Estados, com o apoio da Prefeitura Municipal de Penedo, do qual participou o Pre-

sidente da FEB, Nestor João Masotti. Tema central – *A Contribuição da Doutrina Espírita na Transformação Social*.

São Carlos (SP): CONRESPI 2003

A USE Intermunicipal de São Carlos sedia, no período de 1º a 4 de março corrente, a XXI CONRESPI – Confraternização Regional Espírita – promovida pela USE Regional de Ribeirão Preto, com o tema central *Sexualidade – Uma abordagem espírita*, subdividido em quatro módulos: *O Espírito e o sexo*, *Espíritos, co-criadores com Deus*, *O Jovem no Mundo* e *Sexo com responsabilidade*. A palestra de abertura é proferida por Júlia Nezu, Vice-Presidente da USE Estadual, com o tema *A influência moral do médium*.

Suécia: Reunião da Coordenadoria Europa do CEI

A Coordenadoria Europa do Conselho Espírita Internacional (CEI) realizará sua sexta reunião em Estocolmo, de 9 a 11 de maio de 2003, a qual tratará de diversos assuntos de interesse dos países-membros do CEI, assim como da realização, em 2004, do 4º Congresso Espírita Mundial, em Paris.

Congresso de Cegos Espíritas

O I Congresso Internacional de Cegos Espíritas deverá realizar-se no Rio de Janeiro (RJ), de 17 a 20 de abril deste ano, com um programa de palestras, reuniões de grupos e atividades artísticas, cujos temas abordarão a deficiência visual à luz do Espiritismo, o livro espírita em Braille, entre outros. A promoção é da Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille (SPLEB) e as informações sobre o evento podem ser obtidas pelo telefone (21) 288-9844 e fax (21) 572-0049.

Porto Rico: Congresso Espírita

A *Escuela de Consejo Moral De Puerto Rico, Inc.* nº 499 promoveu, no período de 27 de fevereiro a 2 de março corrente, o Congresso Espírita Portorriquenho 2003, no Centro de Belas Artes Angel O. Berríos, cidade de Caguas, com o tema central *Espiritismo: O Consolador Prometido para a Transformação da Humanidade*, desdobrado em 18 subtemas. O evento contou com a participação de Divaldo Pereira Franco.

